



ERIC NOVELLO
FERNANDA CASTRO
ROBERTO CAUSO
RODRIGO ASSIS MESQUITA
RODRIGO VAN KAMPEN

ORGANIZAÇÃO: JANA BIANCHI • CAPA: BRUNO MÜLLER

Nº 01
PARTE 3 DE 4
MAR/2018

ÍNDICE

Editorial N°01-3	3
Tons de Rosa	4
PARTE 3	5
<deletado>	12
PARTE 3	13
Pé de Coelho	18
PARTE 3	19
Encantadores de Dragão	22
PARTE 3	23
Eterna: A Cidade Perdida	29
PARTE 3	30



Editorial N°01-3

Bem-vindes à Parte 3 da primeira edição da Revista. Com ela, ultrapassamos a metade dos contos e noveletas e, oficialmente, entramos na reta final das aventuras de Maíra, <deletado>, Diana, Mayara e Ulisses Brasileiro.

Estamos muito felizes com a repercussão da revista e com a participação da comunidade literária na primeira fase de submissão de contos e noveletas pra Edição 2. Recebemos pitches e resumos incríveis, que já prometem uma segunda edição maravilhosa independente da nossa escolha. Agradecemos demais a quem enviou material, compartilhou a chamada e a revista nas redes e mandou palavras carinhosas e GIFs fofinhos pra gente. :)

Ainda queremos saber o que você está achando da experiência de ler uma história quebrada em partes, dessa sensação de ansiar pelo próximo episódio. Também queremos saber o que estão achando das histórias! Pra conversar com a gente, você pode mandar um e-mail pra mafagafochefe@mafagaforevista.com.br, deixar um tuíte lá no [@mafagaforevista](https://twitter.com/mafagaforevista), uma mensagem direta no nosso Instagram [@mafagaforevista](https://www.instagram.com/mafagaforevista) ou mesmo um comentário na página do Facebook, [Mafagafo Revista](https://www.facebook.com/MafagafoRevista). Se você usa alguma rede social de leitura, pode também deixar sua opinião e adicionar a Parte 1 ([Goodreads](#), [Skoob](#)), a Parte 2 ([Goodreads](#), [Skoob](#)) e a Parte 3 ([Goodreads](#), [Skoob](#)) nas suas estantes.

Se você gostou da revista e quer participar, visite <http://mafagaforevista.com.br/submissoes/>. As submissões para contos e noveletas de 4.000 a 17.500 palavras já estão fechadas, mas você ainda pode enviar flash fictions de 300 a 1.000 palavras ou demonstrar seu interesse de colaborar como ilustradore solo até dia 31 de maio!

Se você chegou aqui sem saber muito sobre o projeto, visite www.mafagaforevista.com.br e fique a par de tudo o que acontece no Ninho — lá tem a resposta às perguntas frequentes, inclusive o que raios é uma revista. Inclusive, se você conheceu a Mafagafo através desta parte, recomendo que visite o site e baixe as Partes 1 e 2 pra ler primeiro e se inteirar das histórias que continuam nessa Parte 3. Aproveite a visita e assine nossa newsletter pra não perder o anúncio da publicação da Parte 4, que enfim vai concluir todas as histórias.

E claro, compartilhe com seus amigos a palavra e o link para baixar as partes já publicadas da revista! :)

Vejo você na quarta e última parte da Edição 1!

Jana Bianchi
Mafagafo Chefe & Editora



Tons de Rosa

por Fernanda Castro

Quando a assistente social Máira retorna à cidade de sua infância, no coração do Pará, sabe que terá pela frente uma missão insólita: lidar com o misticismo da comunidade para colocar em prática políticas de prevenção capazes de evitar o afogamento de crianças ribeirinhas — segundo os habitantes de Miracema, criança que cai no rio é filha do boto. Em meio às viagens de barco, ao clima abafado e aos temperos do jambu e do tacacá, Máira precisará investigar a origem dessa lenda centenária, lutando contra a crendice e a desinformação que ela julga serem disseminadas pela líder espiritual do lugar. E, entre alguns copos de cerveja e olhares trocados no Bar da Cuíca, talvez Máira descubra coisas inacreditáveis. Principalmente sobre si mesma.



Autoria

FERNANDA CASTRO

Fernanda Castro é a traça-chefe do *The Bookworm Scientist*, blog literário interessado em dissecar obras e autores de fantasia, uma página por vez. Passou boa parte de seus 26 anos com o nariz enfiado num livro (o que talvez explique a miopia). Já publicou um conto na *Revista Trásgo*, foi organizadora da antologia *Valquírias* e atualmente pesquisa a área de *transmedia storytelling*. Nas horas vagas faz crochê, é mãe de calopsitas e tenta ler só mais um capítulo rapidinho antes de dormir.

www.bookwormscientist.com/

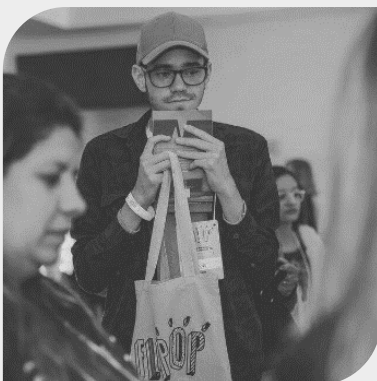
[www.fb.com/thebookwormscientist/](https://www.facebook.com/thebookwormscientist/)

contato@bookwormscientist.com

Edição

JANA BIANCHI

Jana Bianchi é engenheira, escritora, viajante, colaboradora do Clube de Autores de Fantasia, roteirista e co-host do podcast *Curta Ficção*, co-host do podcast *Desafio Ex Machina* e passeadora de lobisomens. Entre outros, publicou a novela *Lobo de Rua* (Dame Blanche), a noveleta independente *Sombras* e o conto “*Analogia*” (*Revista Trásgo* #09). Desde 2014, passa metade do tempo em Paulínia (SP) e a outra metade na Galeria Creta, estabelecimento dos submundos de São Paulo onde a realização de qualquer desejo está sempre em estoque. Pode ser encontrada no Twitter como [@janapbianchi](https://twitter.com/janapbianchi) e na newsletter que pode ser assinada em www.galeriacreta.com.br/beco.



Ilustrações

VITOR CLEMENTE

Vitor Clemente tem 23 anos, sagitariano, formou-se em produção publicitária e atualmente trabalha no ramo editorial, mas sempre que tem um espacinho no tempo dedica-se às suas ilustrações ou fica pensando em uma nova. Adora descobrir uma saga de fantasia onde pode viajar para outros mundos. Seu livro favorito chama-se *O Nome do Vento*, sua animação favorita é *Avatar*, sua casa é a Corvinal e seu patrono é um golfinho (segundo o Pottermore, é claro). Instagram [@vithxrcs](https://www.instagram.com/vithxrcs)



Tons de Rosa

PARTE 3



A crença de Antônia sobre a identidade do boto estava deixando Maíra louca. Ela esfregou as têmporas, tentando desanuviar tanto a mente quanto a vista. O coração batia descompassado, uma leve taquicardia causada pela perigosa combinação de insônia e xícaras de café.

Já era tarde da noite e a assistente social prosseguia com o trabalho, sentada na escrivaninha de madeira. A iluminação, proveniente das duas lamparinas a gás sobre a mesa, era fraca e de pouco servia a seus olhos cansados. Ainda assim, vasculhava febrilmente as folhas de papel.

O documento principal, já amarelado pelo tempo, era um livro. Uma enciclopédia pesada sobre o folclore da região. Rubem Franca havia lhe dado a obra de presente no mesmo dia em que Maíra colocou os pés em Miracema. O prefeito havia dito que era uma boa ideia se familiarizar com as lendas locais, que isso a ajudaria a entender as pessoas dali. Até então a enciclopédia permanecera intocada no fundo do armário: ora, ela era filha da cidade também, não era? O que haveria sobre o folclore nortista que ela já não soubesse?

Aparentemente, muito. Somente o capítulo destinado ao boto ocupava 150 páginas. Para sua surpresa, o livro ia além do relato em forma de caricatura, o ser galante que sai da água, usa sapatos feitos de peixe e enfeitiça as mulheres com a força do olhar. A enciclopédia, na verdade, falava principalmente sobre a simbologia do boto e os inexplicáveis casos de afogamento. Trazia manchetes de jornal antigas, relatos de moradores e fotos de barbatanas, olhos e testículos de boto sendo vendidos a preço de ouro no Mercado Ver-o-Peso.

Maíra passou o dia inteiro imersa na leitura, movida por uma desconhecida e inesperada determinação. O corpo implorava por descanso, mas não conseguia parar e duvidava que fosse capaz de pegar no sono. Decerto estava impressionada pela conversa com Antônia, embora se achasse tola por permitir tal coisa. O olhar que a ribeirinha lhe dera continuava impresso em sua mente.

Além disso, quanto mais lia, mais apreensiva ficava. Havia algo de muito perturbador naquelas histórias, algo que a deixava inquieta e ávida por respostas. A lenda do boto era antiga, datada da época da chegada dos colonizadores europeus. Tinha raízes no sofrimento e na exploração do povo indígena, na repressão da sexualidade. A lenda era pecaminosa e visceral, quente e escorregadia.



E a fazia lembrar demais de Delfim. Enquanto lia os relatos e o dia passava despercebido pela abertura da janela, Máira imaginava o rosto do barqueiro protagonizando cada uma daquelas aventuras fantásticas. Imaginava Delfim e suas múltiplas amantes, seus corpos afundando no rio, e o tipo de carinhos que alguém como ele poderia proporcionar. Delfim combinava com a lenda, ainda que tal coisa fosse impossível.

Mas, agora que a noite tomara conta do céu, não era bem esse tipo de informação que Máira procurava. Ao lado da enciclopédia, em cima da mesa, havia uma pasta plástica repleta de papéis ordenados por data. Os relatórios haviam sido enviados pelo IML algumas semanas antes, a pedido da assistente social. Requisitara o dossiê com a esperança de encontrar indícios que lhe ajudassem a evitar a morte das crianças ribeirinhas. Três afogamentos haviam ocorrido nos últimos seis meses, isso sem contar Tião.

Os dedos dela correram pela xerox desgastada, a caneta destacando informações aqui e ali. Dois meninos, uma menina. Todos com idade entre quatro e cinco anos e todos pertencentes a famílias com pai e mãe presentes. Será que aquele padrão se repetia sempre, desde que a primeira criança caiu no rio?

Máira voltou para a enciclopédia. O trecho que marcara no livro falava especificamente que o boto preferia mulheres casadas. Bem, até aquele dia ela só havia visto Delfim com jovens desimpedidas...

A assistente social riu. Meu Deus, estava perdendo o juízo. Estava procurando provas de que o homem bonito com quem fantasiava nas horas vagas não era um animal mitológico. Máira riu de novo e apertou a ponte do nariz: um pequeno espasmo se manifestou no cantinho do olho esquerdo. Quantas horas desde que dormira pela última vez? Trinta e sete? Trinta e oito?

Respirou fundo e voltou a olhar o livro. Um parágrafo chamou sua atenção: “Dizem só ser possível reconhecer um filho do boto após sua transformação em mamífero aquático. Não pela obviedade do afogamento, claro, mas sim pela marca circular que ocorre na nuca da vítima, resquícios do surgimento do respiro do boto que permanece estampado em seu invólucro humano. Segundo José Juraci, estudioso do boto-cor-de-rosa nos anos 60, a marca torna-se visível algumas horas após a tragédia.”

Máira ergueu as sobrancelhas.

— Ah, o senhor parece ser uma fonte bem confiável — murmurou com sarcasmo.

Ainda assim, puxou novamente o relatório do primeiro garotinho afogado. Precisou de alguns segundos para tomar coragem e olhar as últimas páginas. Sempre evitava as últimas páginas.

O protocolo do IML obriga que fotografias sejam inclusas para o caso de possíveis investigações, ainda mais no caso de acidentes envolvendo crianças. Dessa forma, os peritos devem registrar vários ângulos dos cadáveres, o que, obviamente, nem sempre costuma ser seguido à risca. Naquele caso, por exemplo, não havia nenhuma imagem que mostrasse a nuca do menino.

Máira tentou o segundo relatório em busca de melhor sorte. O estômago embrulhava a cada página, a cada foto macabra da tragédia. Não conhecera pessoalmente nenhuma daquelas crianças, mas as memórias do afogamento de Tião faziam com que se sentisse ainda mais conectada com as vítimas. Apesar do sofrimento, nenhuma imagem provou-se útil. Suspirando, puxou a última pilha de folhas de papel, o relatório da menina.

A garotinha encarou-a com olhos vazios do outro lado da fotografia. Um anjo submerso, a infância desfigurada pela água e os sedimentos do rio. O arquivo continha um número razoável de imagens, bem mais do que os dois casos anteriores. Às vezes era assim, você dava sorte e pegava um perito mais caprichoso.

E, de fato, havia um registro da nuca da menina. Não de muito perto, é verdade, mas o suficiente para que Máira prendesse a respiração: na parte superior do pescoço, quase na linha onde começava o cabelo, era possível ver uma marca rosada, um círculo perfeito.

Máira agarrou-se à foto, aproximando-a do rosto, agora completamente alheia ao sentimento de repulsa pelo cadáver. Tendo como base somente os pixels da imagem, ficava difícil bater o martelo: o círculo rosa poderia ser uma marca de nascença ou mesmo uma ferida póstuma. Os peixes sempre beliscavam os afogados. A coincidência, porém, era assustadora. O laudo da autópsia também não ajudava. Não havia profissionais em Miracema que realizassem o serviço direito. Em meras três linhas de texto, o perito informava que a causa da morte era afogamento e que o corpo apresentava escoriações. Nada mais. Nem uma mísera citação sobre manchas sobrenaturais brotando da nuca.



Levantando da mesa e caminhando pelo quarto apertado, Maíra tentou colocar as ideias em ordem. Calma. Precisava ter calma, porque ainda que a descoberta fosse perturbadora, não provava coisa alguma. A menina era apenas um caso. Podia ser só uma anomalia, uma coincidência infeliz. Para que um fato seja comprovado, é preciso estatística. Aprendera isso na faculdade, aprendera a ser uma pessoa racional. Misticismo é a matéria de quem não conhece a matemática da vida. E sem acesso às imagens da nuca dos outros dois garotos, aquela mancha rosa não valia de nada.

Até porque a foto nem era tão perfeita assim. A menina fora enquadrada de longe, o foco também não estava bem ajustado. A mancha poderia ser um dejetivo do rio que grudara na pele e ela nunca perceberia a diferença. Estava sendo infantil. A única forma de ter certeza era vendo pessoalmente as crianças mortas, mas estas já estavam enterradas havia muito, descansando eternamente sob o solo da floresta. Não havia o que fazer, a não ser tocar com competência seu trabalho de assistente social.

O pensamento quase a acalmou. De fato, Maíra estava prestes a permitir-se uma noite de sono quando fez a conexão.

Tião. Tião ainda não havia sido enterrado.

A descarga de adrenalina que a percorria de ponta a ponta era tão grande que Maíra já havia colocado a mochila nas costas quando se deu conta da hora. Tão tarde da noite, não haveria viva alma andando pela cidade, muito menos alguém para atendê-la no balcão do legista.

Maíra suspirou e deitou-se encolhida na cama, sem se preocupar em apagar as lamparinas. Sabia que não conseguiria pregar o olho. Teria uma longa espera pela frente, horas e horas aguardando o amanhecer. E, com os primeiros raios de sol, uma certeza: ela tiraria a história a limpo. Era uma promessa.

*

O necrotério de Miracema localiza-se no centro comercial da cidade, um ajuntado de lojas, botecos, feiras e vendedores ambulantes que dominam a parte descampada do município. Aparentemente, enquanto pessoas e animais moram dependurados à margem do rio, é de suma importância que as mercadorias e o dinheiro continuem bem secos.

Maíra caminhava bem no meio da rua estreita e apinhada de gente, sentindo o cheiro das frutas expostas ao sol, seu perfume adocicado misturando-se ao fedor de peixe recém-pescado. Aqui e ali, homens de braços fortes passavam empurrando carrinhos de mão abarrotados com os resultados da pesca da madrugada. Mais à frente, uma senhora de traços indígenas exibia queijos de búfala e um tabuleiro de xaropes medicinais.

Se não estivesse tão determinada e tão exausta após outra noite em claro, Maíra teria aproveitado imensamente sua visita ao centro. Sempre gostou do mercado e da vida que fervilhava por ali, dos mistérios e sabores que poderia encontrar. O pai costumava levá-la até lá toda manhã de domingo, enquanto a mãe frequentava a missa.

Naquele dia, porém, seu único objetivo era alcançar o prédio do necrotério.

Chamá-lo de prédio, aliás, é uma generosidade. Miracema não possui oficialmente um departamento médico legal. Casos complicados são removidos para Belém ou alguma cidade vizinha. Apenas casos corriqueiros são tratados na cidade, encaminhados ao pequeno anexo legista junto à delegacia de polícia. A necropsia é realizada, documentos emitidos e enviados à capital na base do jeitinho. A população chama de necrotério apenas por costume.

Maíra atravessou as portas de vidro da delegacia e seguiu por um corredor lateral, praticamente escondido. Chegando ao final do caminho, debruçou-se sobre um balcão de madeira.

— Bom dia, Edson.

O rapaz franzino lendo uma revista de cosméticos sobressaltou-se. Parecia não esperar ninguém ali logo de manhã. Abriu um sorriso metálico ao perceber a assistente social.

— Oi, Dona Maíra! Tudo certo com a senhora?

— Tudo na paz. Vem cá, será que você pode me fazer um favor?

As sobranceiras do jovem se juntaram em interrogação.

— Os arquivos que eu copiei pra senhora não serviram?

— Serviram bem até demais... — A foto da menina afogada permanecia nítida em sua memória. — Na verdade, é sobre isso mesmo que eu vim falar. Queria dar uma olhada no menino afogado. Ele ainda tá aí com vocês?

O atendente arregalou os olhos.



— Mas o que a senhora quer com ele? Só polícia pode entrar no gavetão.

— Tirar uma dúvida... Vai ser rápido, Ed, coisa de quinze minutos no máximo — o tom de Maíra era pura súplica.

— Mas... por que você não espera o laudo? Eu posso enviar pra senhora assim que...

— Você sabe que o laudo vem com quase nada escrito — ela o interrompeu. Em seguida, para aplacar a relutância do rapaz, acrescentou com o máximo de simpatia: — Desenrola essa pra mim, vai... Você sabe que eu não ia pedir se não fosse por um bom motivo.

Edson esfregou a nuca por alguns segundos, pensando. Dava pra ver a língua arrastando de um lado para outro pelo aparelho ortodôntico.

— Isso tudo é muito estranho, Dona Maíra. A senhora tá com uma cara... Promete que não demora muito? Olha, se alguém te pega lá dentro...

Ela o brindou com seu melhor sorriso.

— Ninguém vai nem desconfiar que eu passei do balcão. Volto antes de você conseguir terminar essa revista!

O rapaz riu, revirando os olhos. Levantou o tampo do balcão para liberar a passagem e apontou com o queixo a porta atrás de si.

— Quinze minutos. Depois disso chamo o supervisor e digo que você me forçou a abrir a porta.

Entrando na sala de necropsia, toda a determinação de Maíra evaporou-se como mágica. Ed acendeu as lâmpadas fluorescentes e virou-se para ir embora. Antes de fechar a porta, indicou uma caixinha plástica cheia de luvas e a gaveta onde se encontrava Tião.

— E pelo amor de Jesus Cristo, não faz nada com esse corpo que a família vai vir buscar hoje no final do dia, tá bem?

Maíra só conseguiu concordar com a cabeça antes de ficar sozinha.

A sala era quadrada, com uns seis metros de cada lado, e tanto chão quanto paredes eram revestidos por azulejos brancos. Uma mesa de chapa metálica com sinais de desgaste ocupava o centro do cômodo e, ao fundo, os quatro gavetões ficavam empilhados, cada um com uma etiqueta pendurada no puxador. Instrumentos saídos de filmes de terror povoavam as prateleiras e armários da parede esquerda, brilhando ameaçadoramente sob a luz artificial. A falta de janelas contribuía para a sensação de isolamento e opressão, sentimento reforçado ainda mais pela infiltração que se acumulava em círculos esverdeados pelo teto.

Mas o pior era o cheiro. Tudo ali emanava uma mistura de umidade, água sanitária e desinfetante, um odor ácido que chegava a queimar o nariz. E, por baixo de todos aqueles produtos de limpeza, fraco porém inconfundível... o cheiro da morte.

Maíra precisou conter a ânsia de vômito. Catou um par de luvas e colocou-as nas mãos, tentando se concentrar na tarefa, controlar o ritmo da respiração. Sabia que ficar ali parada era mais angustiante do que desembulhar o cadáver. A expectativa em si era o que a fazia passar mal. E quanto mais cedo terminasse o que viera fazer, mais cedo poderia dar o fora.

Aproximou-se a passos lentos da gaveta metálica. O puxador era frio ao toque. Precisou fazer força para desemperrar os rolamentos, mas por fim a gaveta deslizou para frente com um silvo áspero de ferrugem.

— Meu Deus do céu. — Maíra levou a mão ao peito e desviou o rosto. Ver Tião ali, embrulhado em plástico semitransparente, fez com que sua ânsia de vômito voltasse com força. Compreendeu totalmente o desleixo dos peritos ao fotografar os afogados: se ela fosse obrigada a ver aquilo diariamente, também iria querer se livrar da presença deles o mais rápido possível.

A morte transfigura as pessoas, mesmo as crianças. Tião era apenas uma sombra do garoto que timidamente se agarrava à mãe, a estátua malfeita de um ser humano. Seu corpo apresentava sulcos profundos, costurados sem muita delicadeza pelo legista. Um percorrendo o tórax de cima a baixo e outro no alto da testa. Era triste, era desolador olhar para ele. Era vazio.

— Me desculpe, me desculpe — Maíra sussurrou ao procurar a melhor posição para virar o cadáver de costas. Acabou optando por segurá-lo pelo braço e pela perna, aproveitando-se da rigidez póstuma dos membros.

O contato de suas mãos com o menino, ainda que através do plástico, fez com que a mulher se arrepiasse. Sentindo o peso do garoto, Maíra deu-se conta do quão pequeno ele era, de quanto mais aquele frágil corpinho poderia crescer. Seus olhos marejaram, levados tanto pela emoção quanto pelo cheiro que emanava da gaveta. Colocou o menino de bruços.



— Me perdoa, Tião... — disse ela uma última vez antes de puxar o zíper e expor a nuca do cadáver.

E, de fato, contra todos os argumentos racionais possíveis, lá estava a maldita mancha rosa. Maíra arquejou e sentiu o mundo rodar. Precisou segurar-se nas bordas do gavetão para não cair. Aproximou lentamente o rosto, olhando de perto para aquela improbabilidade que foto nenhuma era capaz de reproduzir.

A mancha provou-se mais do que uma marca: era, na verdade, um furo. As bordas rosadas e delicadas circundavam uma abertura que mergulhava pescoço adentro. Era minúscula, pouco maior que seu mindinho. Maíra apalpou-a com suavidade, tentando descobrir sua origem. Peixe nenhum faria aquilo. As bordas eram perfeitas demais. Além disso, dobravam-se sobre si mesmas de modo a proteger a abertura sem, contudo, fechá-la. Parecia algo orgânico demais para ser uma ferida. Parecia uma estrutura planejada. Quase como um...

— Como o respiro de um boto — murmurou para o vazio.

A porta da sala abriu de repente e Maíra precisou lutar para conter uma exclamação. Edson colocou a cabeça para dentro, preocupado.

— A senhora precisa mesmo sair... ou eu vou me complicar.

— Claro, claro... Desculpe — disse ela, fechando a gaveta, a mente girando num turbilhão.

Maíra saiu da delegacia direto para o Bar da Cuíca. Assim que pisou na rua de paralelepípedos e sentiu o sol na pele após tantos minutos no ambiente opressor do necrotério, ela soube: precisava de alguma coisa alcoólica.

Largou-se numa das mesas plásticas e fez sinal para Olegário. O dono do bar veio até ela desconfiado, estranhando ter uma cliente por ali naquele horário. Além deles dois, o lugar estava vazio.

— Veio pro almoço? — ele perguntou. — Ainda vai levar umas horas pra comida ficar pronta...

— Só quero uma cerveja.

Olegário ficou calado. Sua boca torcia de um lado para outro, os lábios fissurados de sol vincando-se a cada movimento. Parecia estar lutando com alguma decisão desconfortável. Acabou trazendo a cerveja, mas também puxou uma cadeira e sentou de frente para a assistente social, observando-a beber.

— Vi que a Dona não veio de barco.

Maíra fixou o olhar no horizonte, tentando manter a expressão neutra e não trair seus sentimentos. O rio brilhava do outro lado do salão, e a prainha parecia estranhamente selvagem sem os barcos e canoas que carregavam a clientela do bar.

Ela deu de ombros.

— Precisei resolver umas coisas no centro. Fiquei com sede e achei mais fácil vir pra cá andando do que esperar Delfim.

Olegário concordou lentamente com a cabeça e não falou mais nada. Maíra revirou os olhos.

— Tem alguma coisa que você queira me dizer?

O homem hesitou por um momento, mas acabou debruçando-se sobre a mesa, apoiado nos cotovelos ossudos.

— Mesmo que a Dona quisesse ter vindo de barco, não ia conseguir. Ninguém vê Delfim desde que o menino se afogou.

— Ele pode ter ido buscar algum passageiro em Belém. Ou ficado doente, sei lá. Porque não ligam pra ele e perguntam?

Olegário riu com desdém.

— Todo mundo em Miracema sabe que Delfim tem contrato exclusivo de ficar com a senhora enquanto sua missão durar ou ele arrumar coisa melhor. Foi ordem de Doutor Rubem. E eu tentei ligar para ele a noite toda: sempre na caixa postal.

Maíra sentiu a boca secar. Deu outro gole na cerveja para ganhar tempo, mas as bolhinhas de gás da bebida arranharam sua garganta, fazendo-a tossir.

— Onde você está querendo chegar, Olegário?

O homem respirou fundo e colou as costas na cadeira.

— Seu amigo tá com problemas, Dona. O marido de Antônia tá com fogo de vingança nos olhos.

— Sebastião?



— Ele mesmo. O homem não aceita ter perdido o menino pro rio. Está juntando gente pra procurar o boto. Foi falar com os pais dos outros bacuris afogados. Ontem de manhã tava tudinho reunido lá no braço norte, decidindo o que fazer.

A informação pegou Máira de surpresa. O braço norte. Ontem de manhã. O lugar e a hora em que Delfim deveria levá-la de barco para visitar os ribeirinhos. Mas ele havia se recusado. Dissera que ela estava cansada e precisava de umas férias, não havia sido isso? Mas e se... e se não fosse só isso? E se ele estivesse deliberadamente evitando o lugar?

— Você acha que vão atrás dele, não é? — perguntou, embora já soubesse a resposta.

Olegário coçou a nuca.

— Não vejo alguém mais suspeito que Delfim. A Dona mesmo sabe o quanto ele mexe com a cabeça das meninas.

— Sabe se as mães das crianças falaram alguma coisa?

— Não falaram e nem vão falar. Ninguém pressiona esposa de boto. Dá azar. Como foram enfeitçadas, são inocentes.

Máira lembrou de sua conversa com Antônia. A ribeirinha dera todos os sinais de que Sebastião realmente não a culpava pelo ocorrido. Isso era bom. Sem o testemunho das mulheres, Delfim continuava sendo apenas um suspeito.

— Acha que podem fazer mal a ele mesmo sem provas?

Olegário deu de ombros.

— Sebastião é um homem bom, honesto, trabalhador. Todo mundo ali é. Mas pessoas desesperadas fazem coisas terríveis...

— Alguma chance de Delfim já ter fugido de Miracema?

— Não sei. Meu palpite é que está escondido. Talvez esteja recebendo ajuda.

Máira encarou o dono do bar, olhando-o bem nos olhos.

— Está insinuando que eu estou acobertando Delfim?

— A Dona faz alguma ideia de onde ele está?

— Não.

Olegário voltou a retorcer os lábios.

— Bem, — acabou dizendo — a senhora foi chamada aqui pra proteger as crianças. É a nossa autoridade no assunto. Se testemunhar a favor ou contra Delfim, fará uma diferença enorme... Sua palavra pode decidir as coisas.

— Você quer que eu o salve.

— Não — Olegário bateu o indicador na mesa, ofendido. — Eu quero justiça feita do modo certo, sem que ninguém vire assassino. Encontre Delfim primeiro, resolva o caso. Entregue-o pra polícia, se for necessário, mas não deixe que esse rio fique vermelho de sangue. Não dou a mínima pro destino do barqueiro, mas Miracema não merece viver outra tragédia.

Ficaram calados por alguns minutos, braços cruzados e olhares distantes. O vento passava assobiando por eles, trazendo o cheiro da mata. Máira suspirou, puxou a carteira do bolso e depositou uma nota em cima da mesa.

— Vou fazer o possível. Mas você precisa me emprestar um barco.

— Pode pegar o meu.

— Devolvo no final do dia. E, ah... Olegário, você acredita mesmo nessa história de boto?

O homem pareceu surpreso, mas levantou da mesa e acabou sorrindo.

— Eu não sei. E a Dona, acredita?

Máira não respondeu. Seguiu Olegário até os fundos do bar, onde um barquinho a motor caindo aos pedaços encontrava-se enrolado em tiras de lona. Ajudou a empurrá-lo até a margem e deu partida, agradecendo de novo pelo empréstimo.

E conforme o Bar da Cuíca ficava para trás e tudo o que restava eram marolas, peixes e insetos, Máira pensava em Delfim. Sobre como ele evitara o braço norte e a levava para um local ermo, onde nenhum outro barqueiro se aproximaria. Ou de como ele a deixara na casa de Antônia e partira rápido. Na hora, dera uma desculpa qualquer, uma que ela não lembrava mais.

Desgraçado. Conforme as peças do quebra-cabeça iam se juntando, Máira deixava a descrença de lado e a substituía pelo ódio. Como aquele homem poderia ter ficado ao lado dela por tanto tempo, assistindo de camarote ao afogamento de seus filhos bastardos? Que tipo de canalha trazia tanta desgraça para as outras pessoas e tinha coragem de atirar crianças na água? E pensar que ela já o desejava, que já sonhara com seus braços fortes e seu sorriso fácil.



Um monstro, pensou. Delfim era um monstro. Nunca fora uma pessoa, nunca fora um amigo. Era apenas um monstro.

O cansaço tornava a jornada difícil. Maíra tinha pouca experiência em conduzir embarcações, sabia apenas o básico para continuar em movimento. Sentia suas pálpebras pesadas e os olhos turvos de sono, mas a adrenalina a mantinha de pé. Segurou a haste do motor com força, como se isso pudesse fazer o barco navegar melhor.

Ao menos sua jornada estava chegando a uma resolução. Havia mentido para Olegário. Sentia muito pelo dono do bar, mas não podia se dar ao luxo de compartilhar aquela informação com mais ninguém. Era perigoso, e seria melhor para todos que ela resolvesse as coisas sozinha.

Porque a verdade era que Maíra sabia onde Delfim estava. Soube no momento em que Olegário perguntara, uma suspeita tão forte que ela a acolhera como uma certeza.

Se alguém em Miracema estivesse acobertando um boto assassino, esse alguém era Mãe Preta.

Continua...



<deletado>

PARTE 3



<V< voltar><resumir> Finalmente deixei de ser tonto e saí com Bê, que me beijou sob a lua diante do Monumento para o Soldado Desconhecido.
<resumir:fim><continuar>

— O Doutor me escreveu mandando visitá-lo na sede — contei pra Bê na cama. Ela estava aninhada no meu peito.

— Dê o cano — ela disse, seca.

— Como?

— Invente uma desculpa, tire uma licença, fale que está doente, sei lá. Ou só dê o cano. —

Ela levantou a cabeça pra me ver. — Qual é a pior coisa que pode acontecer? Perder um dia de salário?

— Ser demitido, ou... — ou perder qualquer fiapo de controle sobre o projeto.

Ficamos deitados em silêncio por um minuto. Podia sentir a raiva acumulando no corpo de Bê até ela finalmente se levantar e começar a se vestir rápida e desengonçada, errando as pernas da calça.

— Tem horas que você me deixa muito brava — ela disse mais pra si.

— Não faça assim, o que que eu fiz de errado? Não vá embora.

— Esqueça. Vá ver o Doutor, <deletado>. Vá lambar o saco dele.

— Eu não posso, você não entende. O Compilador da História... — Eu queria contar tudo, tirar esse peso das minhas costas. Mas não disse nada.

— A gente se vê. — Ela bateu a porta do apartamento.

Soquei a parede e a parede socou de volta.

— Merda.

Fui até a sala e liguei a tela. Procurando qualquer coisa pra assistir, percebi o motor de busca minimizado no cantinho. Ainda estava rodando. Maximizei: zero resultados pro noivo da Mila. Reiniciei o computador e rodei a busca de novo. Os minutos mudavam, os resultados, não.

Inseri "Camila Lins", o nome da Mila. <salvar posição> Segundos depois, com setenta por cento de progresso, apareceram 243 resultados. Havia algumas notícias sobre ela, incluindo várias



sobre a organização não governamental que ela mencionou, <deletado>, bem como a página pessoal dela. Mas nada sobre o noivo desaparecido.

Inseri meu nome, esperei a busca terminar e anotei no celular o número de resultados: vinte e sete. Programei o motor de busca pra repetir a pesquisa duas vezes a cada vinte e quatro horas.

Aceitei o convite do Doutor.

<pular>

O frango assado foi a primeira coisa que notei no escritório. Tinha dado pra sentir o cheiro da recepção. A pele torradinha caíria bem. A vovó me contava do gado que vivia de grama ou de milho e da indústria da carne. Mas a vovó não era muito ela mesma quando me contava essas histórias da sua juventude. Culpa do envenenamento pela radiação combinado com a idade avançada.

A mesa estava posta pra dois.

— Bem-vindo, <deletado>, por favor, sente-se. Você gosta de frango? — o Doutor, sentado, perguntou.

— Não sei ainda. — Sentei do outro lado da mesa.

Ele serviu um pedaço pra cada um e suco de laranja fresca. A parede-tela mostrava um campo verde e ensolarado com pássaros piando. Só tinha visto esse tipo de cenário em filmes pré-Guerra.

— Bacana, né? — ele disse com a boca cheia.

— Muito bom.

— Como vão as coisas no escritório? Gostando?

— Tudo bem. Tudo ótimo.

— Tem alguma te incomodando?

— Não, não. Eu podia ter acesso à hipernet pra acelerar o processo, mas tudo bem.

— Pô, o pessoal da TI ainda não instalou? Vou cuidar disso. — Ele reclinou na cadeira. —

Tenho uma proposta para você: VP. Que tal?

— Vice-Presidente? De qual departamento? — Tentei parecer casual enquanto avaliava o que dizer a seguir.

— De todos os departamentos. Da empresa. De tudo. — O Doutor sorriu.

Engasguei e tossi. Uma pele de frango voou e grudou na tela-parede. Desentupi a garganta com o suco. — Nem sei o que dizer.

— Diga sim. Você merece.

— Fui pego desprevenido. — Assim que disse isso percebi que não devia soar tão ingênuo.

— A indicação oficial ao cargo só viria após a conclusão do projeto. Burocracia, burrocacia, como dizemos por aqui. — Ele mordeu os lábios.

— Obrigado, Doutor. Sem problema.

— É Gerson, <deletado>. Não precisa ser tão formal, somos amigos — ele disse. — Só tem uma coisa: vamos ter de fazer umas pequenas mudanças no Compilador da História. — Ele suspirou. — Tive uma baita discussão com a diretoria ontem. Pelo menos consegui umas concessões.

Enxuguei as mãos nas calças.

— O senhor poderia me adiantar que tipos de modificações?

— É Gerson.

— Gerson.

— A diretoria quer levar o software até o limite. Disseram que tem um potencial comercial e social sem precedentes e blá blá blá. — Ele socou a mesa e meu coração quase fugiu do meu peito. — Falei pra eles que temos que ter responsabilidade. Nosso objetivo é preservar a história como ela é, e não criar um monstro que vai destroçar a informação. — O rosto dele amainou. — A maioria desses engravatados são robôs sem coração, <deletado>, mas acho que eles entenderam o recado. Perdi a linha de pensamento... Sim, as modificações. Não é nada grande.

— Qualquer alteração pode atrasar o cronograma — eu disse. — Temos que ser cuidadosos.

— Estamos juntos nessa. — Ele ergueu o copo de suco. — Saúde, <deletado>! Ao começo de uma nova era!

Ergui meu copo também e bebi o suco de uma vez. Queria desaparecer no campo falso atrás dele. — Fico feliz de fazer parte desse momento — disse, torcendo pra que ele estivesse sendo honesto.

— Vamos comer. Deixe um espaço para a sobremesa.

O Doutor encheu a colher de purê de batata.



— Falando nisso, como vai a sua querida mãe, a dona <deletado>?

Me senti como o frango.

<pular>

Quando a luz do celular acendeu no meio da noite, eu soube que o dia tinha chegado.

Engraçado como vamos deixando as coisas numa gaveta de problemas no fundo da cabeça e como passamos mal quando a gaveta finalmente transborda.

— Bê.

— Hum.

— Bê, é a minha mãe. Tenho que ir pro hospital. Você pode continuar dormindo.

— Não — ela murmurou. — Eu quero ir com você.

Ela vestiu um pijama de inverno e prendeu o cabelo desgrenhado.

No magbus, ficamos em silêncio.

As luzes da cidade deixavam um rastro na retina enquanto eu pensava como tinha chegado longe e no que esperava por mim. Os faróis e as lâmpadas dos postes eram cicatrizes transitórias do passado.

O Doutor sabia agora das implicações do software, que a realidade era maleável como argila. Se ele queria moldá-la ou apreciá-la, eu não tinha certeza.

Bê segurou minha mão o caminho todo. Ela ficou no saguão do hospital.

— É melhor você se despedir sozinho — disse.

Minha mãe tinha um quarto privado, uma regalia que Gerson bancou pra mim "do próprio bolso".

Mal podia ouvir sua respiração. As máquinas formavam um alienígena que se alimentava dela. Li na escola que as pessoas achavam que o futuro reservava remédios personalizados e nano-robôs. Que ilusão.

Me ajoelhei ao lado dela e toquei sua mão frágil e magra. A pele estava fina como papel, dava pra ver as veias azuis por baixo.

Abaixei a cabeça e pensei no que diria. Uma prece, talvez. Mas eu não era religioso, nem lembrava nada além de "Pai Nosso, que estais no céu".

— <deletado>, é você, meu filho?

— Sim, mãe, sou eu.

— Como você está? Está comendo direitinho?

— Estou bem.

— Eu estou ótima. — Ela sorriu com dificuldade.

— Mãe.

Ela inclinou um pouco a cabeça na minha direção e abriu os olhos.

— Venha cá. — Os dedos ossudos correram meus cabelos. — Estou orgulhosa de você.

Dei um beijo no rosto dela.

— Mas você tem que abrir os olhos. Confie nos seus instintos — ela completou.

— Eu te amo, mãe. Obrigado.

Então ela descansou e meus sonhos se fragmentaram.

<pular>

Bê se mudou comigo poucos dias depois. Pelota mostrava os dentes pra ela e vice-versa.

Nunca tinha morado com ninguém além da minha mãe. Tinha medo que Bê ficasse brava por causa da bagunça, mas ela chegou sorrindo.

— Já me sinto em casa.

Então nossas roupas viveram pacificamente lado a lado e uma em cima da outra, nas cadeiras, sofá e chão.

O Compilador da História estava quase pronto, mas enrolei o máximo possível. Ele se instalou nos meus pensamentos.

O nome de Mila tinha só dez resultados àquela altura. O meu, cinquenta e três.

Abri uma busca pelo nome de Bê: 157 resultados. Ela era quase famosa, quer dizer, tão famosa quanto uma engenheira de computação pode ser na área.

O motor de busca ficou rodando no fundo.

Peguei minha tese de papel no quarto pra folhear. Era sobre o fim da criptografia como conhecemos, mas tinha uma introdução enorme sobre o declínio das Nações Unidas e a construção da hipernet sobre as ruínas da falecida internet. Escrevi sobre os debates do pós-Guerra a respeito



do fim da neutralidade da rede e da instalação de portais pra filtrar informação. De acordo com a bibliografia, essa parte tinha como referência documentos que deveriam estar no site da ONU.

Eu procurei, mas não achei os arquivos online. Vasculhei o código inteiro do site, só pra descobrir que os anais da organização haviam sido removidos sem qualquer anotação.

Esbarrei em toneladas de menções aos debates da ONU, a maioria em antigas notícias e notas à imprensa. Nenhum vídeo. Um momento histórico deveria ter muitas referências. Nem a minha tese estava mais disponível como antes.

Enviei mensagens aos professores que participaram da minha banca pra perguntar se sabiam o que estava acontecendo, mas não tive resposta. Bom, pra ser justo, não respondiam nem quando a Universidade ainda existia.

<pular>

— Eles — Bê disse.

— Quem? — perguntei.

A Estufa do Parque do Ibirapuera abrigava umas poucas plantas e mudas quase extintas, como ipês e orquídeas, além de híbridos experimentais projetados pra aguentar radiação e superexposição a raios ultravioleta B. Costumávamos visitá-la uma vez por mês.

— Eles, o nome do grupo terrorista. Não viu as notícias? — Ela pôs as mãos no quadril e franziu a testa.

— Ando distraído com o projeto, foi mal.

— Aí, estou subindo as notícias pra você. Dê uma olhada.

Passei pelas janelas de notícias no celular. Não ouvia a palavra com T desde criança. Os artigos diziam que Eles queriam desestabilizar a recém-estabelecida paz fundada no suor e nas lágrimas de cidadãos de bem e corajosos heróis. “Cidadãos de bem”, essa expressão sempre me fez tremer.

Quando vi a foto dela, movi o dedão de um jeito esquisito e derrubei o celular. Mila era chamada de terrorista.

Peguei do chão e mostrei pra Bê.

— Reparou nessa mulher?

Um dos vários policiais militares passou por nós em direção à saída. Bê e eu demos uma olhada nele de relance.

Bê apertou os olhos.

— Ela é linda.

— É minha amiga.

O silêncio de um segundo foi quebrado por uma gargalhada.

Sorri, sem graça. Não esperava aquela reação.

— O que foi?

— Cara, você é muito engraçado.

— É sério.

— Tá, e eu joguei damas com Jaguar, o Carniceiro.

— Ela está nas notícias do seu celular também?

— Sério? — A expressão dela mudou quando balancei a cabeça. — Claro que está.

Eu peguei Bê pela cintura e a puxei pra perto.

— Bê, vamos dar uma volta em outro lugar. Tenho que te contar o que estamos fazendo.

Contei tudo que sabia e pensava sobre o Compilador. <voltar> ...tudo que sabia sobre o Compilador. <voltar> tudo... sabia <erro de checksum>

Enquanto falava, fisguei pedaços de conversas de outras pessoas. O grupo Eles tinha se tornado o assunto do momento.

Sentamos num banco duro no meio da praça e passei pra Bê o meu celular.

— Criei esse motor de busca e procurei por uns nomes. Está vendo? Da última vez, o nome de Mila tinha dez resultados. Havia mais, mas nenhum sobre a terrorista Mila. Agora tem mais de dez mil resultados com essa nova informação. Tirei fotos pra ter certeza. E o nome do noivo dela sumiu da hipernet e da base nacional de cidadãos.

Bê se largou no encosto e alongou os braços.

— Então essa Mila veio no apartamento? Foi sem noção. A polícia pode estar monitorando a gente. — Ela bufou. — Você a conhece bem? Sei que foram amigos, mas a vida segue e as pessoas mudam.

Um drone passou zunindo.



Bê riu.

— Que se dane — ela disse. — O que podemos fazer?

— Já comecei a fazer. Incluí uns sockets de comunicação em várias das bibliotecas do código...

— O suficiente pra não criar suspeitas — ela completou.

— Esses pedaços combinados chamam uma rotina que abre portas pro software e replica as informações que foram deletadas e editadas. <salvar posição>

— Achei que eram apenas comentários embutidos no código. Boa. Vou ajudar, vai dar certo.

— Ela me deu um soquinho no ombro. — Mas nunca mais minta ou esconda coisas de mim.

— Sobre Mila?

— Sobre tudo.

<pular>

(É tudo o que vou contar sobre isso. Você não pode me matar duas vezes.)

Quando a empresa mandou Bê pra Montes de Janeiro, a cidade na costa, pra um congresso de cinco dias, o Doutor me chamou. Queria me encontrar de novo no seu escritório. Tirei uma licença médica não remunerada pra evitá-lo. Não me importava mais com o que pensaria de mim.

Pedestres, passageiros no magbus, lojistas, todo mundo falava sobre Eles.

No terceiro dia sozinho, fui procurar a minha tese pra checar alguns dados, mas não estava no armário. Revirei o apartamento. Nada. <editar> <escrever> Não havia nada pra encontrar.

<escrever:fim>

(Não inventei a tese. Nem teria me formado sem ela. Desconfio que nem estaria nesta cadeira agora.)

Liguei a tela da sala, maximizei o motor de busca que ainda rodava e destrinchei os resultados. O noivo de Mila, <deletado>, não aparecia em nenhum, como esperado. Achava que ele existia, mas me questionei se era realmente seu noivo. Bateu um nervoso de estar sendo usado. Fechei a busca.

O nome de Mila apresentava cada vez mais resultados, já passava de um milhão.

Busquei por “Eles”. Que nome ordinário. Havia menções de até cinco anos atrás, como se fossem famosos desde aquela época. Impossível. Impossível não, mas bem improvável.

Abri cada página que encontrei sobre “Eles” e passei os olhos nos códigos de programação. O suco gástrico acertou o fundo da garganta: informações sobre o grupo estavam sendo sistematicamente inseridas, editadas, reescritas e removidas.

As páginas que havia marcado sobre o Doutor não abriam mais. Os endereços estavam quebrados. O artigo de José Steinbeck e a sentença criminal haviam desaparecido. Abri uma nova caixa de busca e combinei termos. Nenhum resultado sobre ambos.

Li uma página sobre o Doutor, e outra. Pedaços inteiros de áudio, vídeo e texto desapareciam, moviam e mudavam em tempo real. Nunca tinha visto nada assim.

Como não existiam mais dispositivos analógicos nem papel, gravei com a câmera do celular os resultados de busca constantemente em mutação, a edição em tempo real em larga escala, o apartamento, o gato, eu. Gravei um vídeo contando tudo que sabia sobre o Compilador da História, o Doutor, Mila e o noivo desaparecido, o plano. Copiei tudo num pendrive criptografado. <salvar posição>

Pelota se esfregou nas minhas pernas. Peguei o bichano pela pelanca do pescoço e ele miou, sem demonstrar emoção. Aqueles grandes olhos amarelos me deixaram mal. Larguei-o no chão e ele se refugiou no parapeito da janela da sala.

Fiquei em pé e contemplei a bagunça enquanto drones zuniam lá fora. Sempre soube, como qualquer pessoa, mas só então me dei conta de que estava cercado por equipamentos de vigilância: tela, celular, gato, luminárias, geladeira inteligente.

(Acho que tem que editar o gato pra manter a coerência.)

A minúscula câmera na tela me lembrou das palavras de Mila: “Eles estão te vigiando.”

O celular brilhou. Era uma mensagem: “Melhoras, <deletado>. Vamos remarcar. Gerson.”

<voltar> <deletar>

Eu a deletei.

<pular>

Continua...



Pé de Coelho

por Eric Novello

Diana é uma jornalista carioca. Enquanto investiga as atividades do Alquimista, líder de uma organização criminosa em São Paulo, recebe o contato de um dos seguidores do mafioso, que diz ter informações valiosas sobre o passado de seu pai. Sozinha com ele em um quarto, sem saber se caiu em uma arapuca, ela descobre que o submundo paulistano é ainda mais assustador do que parece. O conto é parte das novas histórias passadas no universo do livro *Neon Azul*.



Autoria

ERIC NOVELLO

Eric Novello queria ser o Charada quando pequeno, mas teve que se contentar em ser ele mesmo. É autor dos livros *Ninguém Nasce Herói*, *Exorcismos*, *Amores e Uma Dose de Blues* e *Neon Azul*. Além de tradutor, cultiva cactos e suculentas, coleciona bonequinhos e passa suas horas livres passeando pelos mundos imaginários de livros, filmes, jogos e séries de TV.

www.ericnovello.com.br

Twitter [@eric_novello](https://twitter.com/eric_novello)

Instagram [@eric_novello](https://www.instagram.com/eric_novello)

Edição

JANA BIANCHI

Jana Bianchi é engenheira, escritora, viajante, colaboradora do Clube de Autores de Fantasia, roteirista e co-host do podcast *Curta Ficção*, co-host do podcast *Desafio Ex Machina* e passeadora de lobisomens. Entre outros, publicou a novela *Lobo de Rua* (Dame Blanche), a noveleta independente *Sombras* e o conto “*Analogia*” (*Revista Trasgo* #09). Desde 2014, passa metade do tempo em Paulínia (SP) e a outra metade na Galeria Creta, estabelecimento dos submundos de São Paulo onde a realização de qualquer desejo está sempre em estoque. Pode ser encontrada no Twitter como [@janapbianchi](https://twitter.com/janapbianchi) e na newsletter que pode ser assinada em www.galeriacreta.com.br/beco.



Ilustrações

BRUNO MÜLLER

Bruno Müller costuma se apresentar como designer, mas na maior parte do tempo é arte-educador. Vive perdido em meio a mapas de lugares que não existem, seja explorando ou rabiscando novos caminhos. Tem os contos “Do Lado de Lá” e “O Casarão” publicados nas antologias *Dimensões.BR* (2009) e *Tratado Secreto de Magia* (2010) pela Andross. Entre desenhar e escrever, prefere fazer os dois juntos, e ultimamente anda tentando casar mitologias nativas e folclore brasileiro em cenários de RPG mirabolantes. Geralmente pode ser encontrado em [behance.net/brunomuller](https://www.behance.net/brunomuller), quase nunca no Twitter [@brnmuller](https://twitter.com/brnmuller) ou muito provavelmente na seção 398.2 da biblioteca mais próxima.



Pé de Coelho

PARTE 3



Parte da rotina jornalística incluía estudar sobre o entrevistado antes de um encontro. Pesquisar dados relevantes, definir os pontos de problematizações, as áreas sensíveis para cutucadas. Diana já imaginava que o coelho faria o mesmo com ela, mas aquele comentário específico a pegou de surpresa. Determinada a não perder o controle da conversa, devolveu a pergunta com um toque de ironia.

“Por que não me diz qual é a sua teoria sobre eu ver os mortos?”, Diana perguntou. “Alguém bem informado como você deve ser bom de deduções.”

Como imaginado, o coelho caiu na provocação.

“Muita gente morreu rastejando na soleira das portas que você parece ter tanta facilidade de abrir e fechar. Então imagino que as histórias a seu respeito sejam reais.”

“Ou eu sou boa no que faço. Simpatia também abre portas, você devia tentar algum dia”, ela falou.

Ele permaneceu em silêncio.

Diana pôs as mãos nos bolsos novamente e se aproximou. Se o coelho se engraçasse, queria que ele estivesse no alcance de um soco.

Ouviu no andar de cima o que pareciam crianças correndo e uma bronca de mãe. Esperou o tumulto passar para prosseguir.

“Você pode achar que está protegido atrás dessa máscara, mas não preciso ver seu rosto para entender o que está sentindo. Você finge estar relaxado dentro desse quarto sem energia elétrica, mas até aqui sente medo de ser monitorado. Quer parecer o dono da situação, mas sabe que não possui controle algum sobre a própria vida. Está desesperado atrás de uma oportunidade de recomeçar. Então por que não para com esse teatro, desliga o cronômetro e tira a máscara para conversarmos olho no olho?”

Aquilo tinha sido arriscado, Diana sabia. Território marcado, recuou para uma posição segura. Mais cedo, enquanto subia para o quarto e esperava, havia memorizado a direção dos corredores, a posição das escadas, de cada porta entre ela e a rua. Se precisasse fugir no escuro, estaria fora dali em instantes. Caso precisasse lutar, também estava preparada, mas não devia pensar nisso como primeira opção.



“Se conhecesse o Alquimista como eu conheço, também estaria com medo de que ele soubesse o que vim fazer aqui.”

“Como soube que ele queria falar comigo? Você é algum tipo de assistente pessoal?”

“Sou uma das responsáveis por acompanhar os seus passos. Monitorar os sites que você visita, as compras que faz, seus horários de entrar na redação, de sair para o almoço. Ler as mensagens que troca com o seu irmão sobre suas inseguranças no emprego, conferir as fotos criativas que recebe do advogado com quem está saindo. Sei tudo o que faz na internet, e algumas coisas que faz fora dela. Não preciso dizer que a sua atividade investigativa no Rio de Janeiro chama a atenção de pessoas como o meu chefe.”

“Esse filho da puta está me vigiando?”

Dessa vez torceu para que os boatos fossem verdade e ele pudesse de fato escutar o que ela dizia. Pelo visto, o infeliz continuava a traficar informações. Ninguém abre mão do próprio poder por espontânea vontade.

“Não é um privilégio seu. Já entrou em uma lotérica e viu, horas depois, uma propaganda sobre apostas ao entrar na sua rede social? Ou colocou os pés num restaurante italiano e recebeu um spam sobre um curso de preparo de massas? Talvez tenha ficado indecisa na hora de escolher um filme para ver no cinema e notado que sua lista de indicados mudou no Netflix.”

“Assim é fácil ser onisciente.”

“É trabalhoso, se quer saber. Os dados que o Alquimista consulta não são exclusividade dele. Dezenas de empresas fazem o mesmo. A diferença é que ele sabe analisá-los com maior eficiência.” O coelho se levantou. Depois se concentrou no quarto, mais uma vez, como se procurasse algo que só ele podia perceber. “Você vê os mortos, Diana. E se for mentira, uma história plantada — como acusa o Alquimista de fazer para cultivar a fama de onisciente entre nós —, isso não muda o fato de que você circula entre os proscritos da sua cidade como se fosse um deles.”

Proscritos. Diana havia escutado a designação antes, de uma historiadora maranhense. Um jeito curioso de se referir às mulheres e homens que pareciam moldar a vida carioca e se moldar a ela desde a chegada das primeiras caravelas. Nunca havia pensado em si dessa maneira. Uma mulher comum circulando entre proscritos. Bem, talvez uma ou duas vezes, ao ponderar junto com seu irmão os riscos que corria. O que isso dizia sobre ela? Encontrara pessoalmente alguns deles no Rio de Janeiro, tinha conhecimento de um ou dois no centro brumoso de Porto Alegre, e vinha tentando sem muito sucesso descobrir como eles agiam em São Paulo. Por enquanto, tinha certeza apenas sobre um nome: Mario Coelho, o Alquimista. O homem que contratara a banda de seu pai.

Alguma coisa havia acontecido na noite do show, e ela precisava descobrir o quê.

“Não foi à toa que me pediu para desligar o celular e vir para esse buraco”, ela falou, pensando nas instruções que recebera. GPS, câmera, microfone. Carregar um celular era como carregar um espião portátil. Os motivos do coelho pareciam mais claros agora e menos paranoicos.

Oito minutos.

“Sabe, a sua irritação comigo parece ser pessoal”, Diana tentou uma nova abordagem. Se perguntou se o coelho teria ficado obcecado com ela de tanto monitorá-la na internet. *Um stalker capanga de um criminoso que usa máscara de coelho*, pensou. *Vai ter sorte assim no inferno*. “Eu só quero entender por que meu pai se afogou. É isso. Se dividir comigo o que sabe, eu vou embora e não precisa mais olhar para a minha cara.”

“Será esse o verdadeiro motivo? Ou será que inventou uma desculpa para que pudesse conviver com criminosos sem um exame maior de consciência? Seu pai... Você e ele são iguais. Jorge se afogou porque não aguentou o peso da culpa. Foi por causa dele que Paulo morreu e minha mãe se juntou ao Alquimista.”

“Sua mãe? Você é a filha da Rafaela?” Então aquilo era mesmo pessoal. Como era o nome da menina? Vanessa? Caroline? Diana não se lembrava. “Meu pai não teve nada a ver com isso. Paulo morreu doente, e sua mãe... Eu sinto muito se ela fez algo que prejudicou você, mas dizer que foi por influência do meu pai é delírio da sua parte.”

“Jorge escolhia os lugares do show.”

“É lógico. Ele era o empresário.”

“Paulo morreu doente depois que começou a tocar no bar de um deles com uma de suas bandas. Já ouviu falar do Neon Azul? Posso apostar que sim. Adivinhe como ele conheceu esse lugar? E a minha mãe, ela só passou a conviver com o Alquimista porque seu pai a convenceu a fazer o show em São Paulo. Se não fosse por isso ela nunca teria vindo, nunca teria subido com aquele monstro para o quarto, mudado de emprego...” Sua frase morreu.



“Eu também quero saber o que aconteceu naquela noite, mas não culpe um homem que não está aqui para se defender. Meu pai não tinha como saber que Mario Coelho era um criminoso, ele não era o Alquimista na época.”

A coelha levou o dedo para a base do rosto e apertou algo que Diana não conseguia ver o que era. Quando voltou a falar, foi a voz de uma menina que saiu.

“Será?”, ela respondeu. “É tão fácil para você. Um grupo que se empenha tanto em ficar longe dos olhos da sociedade aceita uma jornalista em seus territórios, enquanto eu preciso dar meu sangue para provar o meu valor e nunca sou reconhecida! Nunca! Tem ideia do que eu passei com a minha mãe? Do quanto me senti humilhada? Mas agora eu finalmente encontrei uma família. E só preciso de uma coisa para poder fazer parte dela.”

Cinco minutos.

“Escuta... Caroline? Nosso tempo está acabando. Meu pai nunca obrigou ninguém a nada. Tanto que havia os músicos da reserva. Rafaela participou de todos os shows? Não. Ela faltava sempre que você precisava da atenção dela. Paulo também. Só meu pai parecia mais comprometido com a música do que com a família. Eles poderiam ter ficado no Rio de Janeiro se quisessem. E eu nem tenho tanto contato assim com as pessoas que chama de proscritos. Nada do que eu faço gira em torno deles, os nossos caminhos só se cruzam de vez em quando, nas minhas investigações.”

A coelha se aproximou da cama e baixou o cronômetro com delicadeza, ocultando os números. Os olhos da máscara se acenderam, jogando luz no rosto de Diana.

“Você disse que queria entender a morte de Jorge. Pois encontrou sua resposta. E sabe de uma coisa? Duvido que se afaste deles. Você inventará outra desculpa, e depois outra e mais outra para continuar convivendo com esses monstros. Porque é isso que eles fazem com as pessoas. Eles nos viciam como uma droga, contaminam nossos corpos, nossas mentes. Nos mantêm por perto como bichos de estimação até se cansarem e decidirem nos trocar.”

“Olha, Caroline...”

“Pare de me chamar assim, você nem sabe quem eu sou.”

“Por que não me diz, então? Se quiser, posso levá-la para o Rio de Janeiro, para longe do alcance do Alquimista. Eu tenho bons contatos na polícia por causa do meu trabalho. Podemos ajudar você a sumir em menos de quarenta e oito horas. Tem gente me devendo favores por toda parte naquela cidade.”

“Porque você vê os mortos e ajuda nas investigações”, ela insistiu.

“Sim”, respondeu Diana.

Efeito adverso de uma tentativa de falar com o pai morto. Na época, achou ter imaginado a conversa. Depois, quando os mortos começaram a se revelar, pensou estar ficando louca. Mais tarde, com a ajuda do irmão, entendeu o que acontecia e decidiu desvendar o novo Rio que se revelava diante dos seus olhos.

Caroline, ou quem quer que fosse, talvez tivesse razão ao dizer que desvendar o passado de Jorge era apenas uma desculpa. Diana não pretendia virar as costas para o seu dom e ignorar tudo que havia aprendido desde o contato com o pai. Ainda assim, sabia que Jorge era mais uma vítima do Alquimista, e não o culpado. E que jamais usaria a música, a coisa que lhe era mais sagrada, como um artifício para entregar seus amigos a criminosos. Cada um deles havia escolhido seu próprio caminho. Sentia muito que Rafaela houvesse caído na conversa mole de Mario Coelho e que sua filha tivesse pagado por isso com a própria sanidade. Mas ela também havia sofrido as consequências das escolhas do seu pai. E podia apostar que a família de Paulo não estava muito melhor.

“Você disse que eu marquei o nosso encontro para te pedir liberdade”, disse a coelha, tocando a máscara. Ela deslizou os dedos pelo pescoço, como se sufocasse, alcançou a ponta das orelhas. “Pois se enganou, garotinha perfeita. Eu marquei esse encontro para libertar você.”

Diana ouviu um clique. Achou que o escuro lhe pregava peças ao ver uma das orelhas se destacar da máscara e se transformar em uma arma nas mãos da coelha.

Continua...



Encantadores de Dragão

por Rodrigo van Kampen

Vivendo num mundo em que, além de estar eternamente submissa a uma elite poderosa, a vida é constantemente ameaçada por enormes feras vorazes e cuspidoras de chamas, qualquer mudança pode ser um privilégio. Mayara é uma menina sobrevivendo nesta realidade tão ameaçadora quando surge a oportunidade de se tornar aprendiz de um mago poderoso, capaz até mesmo de domar as grandes feras dracônicas. Mas o que poderia ser uma oportunidade de ascensão e liberdade se revela algo muito mais sinistro. Poderá Mayara sobreviver e salvar consigo Lúcio? E qual será o papel de Berg, a gnoma, nesta torre misteriosa?



Autoria

RODRIGO VAN KAMPEN

Rodrigo van Kampen é escritor, editor da *Revista Traggo*, redator publicitário e tem uma moto acumulando pó desde que virou pai. É autor da novela *Trabalho Honesto* e já publicou em coletâneas da Aquário, Draco e em publicações independentes. Mora em Campinas com sua esposa, filha e uma vira-lata, escreve em viverdaescrita.com.br e pode ser encontrado no Twitter como [@rodrigovk](https://twitter.com/rodrigovk).

www.fb.com/rodrigovk

www.rodrigovankampen.com.br

www.viverdaescrita.com.br

Edição

JOÃO PEDRO LIMA

Escritor, roteirista e editor, seus maiores interesses e produção estão na fantasia urbana, literatura policial, literatura absurda/de humor escalafobético e literatura infantil/juvenil.

Atualmente se concentra em produzir eventos literários como as oficinas e palestras ligadas ao NaNoBrasil, escrever seu romance sobre magos e burocracia na agrídoca cidade de São Paulo, e em escrever e editar textos para o *Tempos Fantásticos*.

www.fb.com/joaopedro.limagoncalves

Twitter [@jplimag](https://twitter.com/jplimag)

www.medium.com/@joaopedro.lgoncalves

www.temposfantasticos.com

joaopedro.lgoncalves@gmail.com



Ilustrações

JÂNIO GARCIA

Jânio Garcia trabalha como ilustrador e professor de arte digital em Campinas, interior de São Paulo. Suas fontes de inspiração são mitologia, folclore nacional, teologia, pintura clássica e cultura popular cinematográfica e literária. É amante de café, livros, séries e podcasts. Para saber mais sobre ele, entre em contato através dos links abaixo ou dê três descargas e chame seu nome três vezes.

www.janiogarcia.artstation.com/

www.fb.com/janiogarciaart/

Instagram [@garcia_janio](https://www.instagram.com/garcia_janio)



Encantadores de Dragão

PARTE 3



— Então você é um mago? Um mago de verdade? — perguntou Lúcio com um sorriso aberto. Depois de uma semana na estrada, havíamos chegado à torre no dia anterior e agora dividíamos o desjejum com Hugo na grande cozinha da construção. Eu olhava ao redor. Pendurado em ganchos de metal havia vários painéis enormes, e eu me perguntava para que serviriam.

— Você vai ensinar magia para a gente? — perguntei, enfiando um grande pedaço daquele pão delicioso na boca. Hugo riu, balançando a cabeça como se eu tivesse feito alguma piada. Ao perceber que ainda esperávamos uma resposta, ele soltou o ar pelo nariz em desdenho.

— Não. Vocês serão meus assistentes por um ano. Apenas isso.

— Por que não? — perguntei em desafio.

— Velhos demais. O treinamento deveria ter começado antes. E também porque eu não quero.

— Por que você não quer? — insisti. Eu sabia que estava adentrando águas perigosas, sempre que eu começava a perguntar demais meu pai me dava um tapa ardido na orelha e me mandava ir fazer alguma coisa útil.

Hugo começava a se irritar, eu podia perceber a mesma expressão de meu pai.

— Escuta aqui, menina... Mayara. Aqui nessa torre eu sou o rei. Minha palavra é ordem. Vocês ficarão sob minha proteção, minha misericórdia. Devem é agradecer pela minha benevolência. Vocês tiraram a sorte grande, se não perceberam isso ainda. E não querem perdê-la, não é mesmo?

Lúcio balançava a cabeça para os lados, a expressão assustada como um cachorrinho. Eu não gostei daquele tom.

— E por que só um ano? — perguntei.

Lúcio me deu um cutucão forte para que eu parasse. Hugo sorriu e comentou, mais para si mesmo do que para nós:

— Um ano... Esse vai ser um longo ano...

Vendo a agitação do menino ao meu lado achei melhor não continuar. Afinal, eu não queria ser expulsa dali e aquela comida era a melhor da minha vida.



*

Tive bastante tempo para me familiarizar com aquela torre. Primeiro, porque só havia ela. Pinus, o vilarejo mais próximo, estava a um dia inteiro a cavalo. Uma vez a cada dois meses Berg prendia a charrete a dois dos garanhões do estábulo e voltava com ela carregada de mantimentos e ingredientes que eu não fazia a menor ideia do que eram.

Tínhamos carne também, pequenos animais como coelhos e esquilos se aproximavam diariamente da torre, sempre deixávamos os restos de comida para eles. Vez ou outra matávamos um deles para a panela. Uma vez vi um urso marrom, era enorme, gordo e assustador. Perguntei se mataríamos ele para comer, mas Berg me deu um tapa de leve na nuca.

— Muita carne. Estraga...

Hugo também saía, seu cavalo era um bretão preto, proibido a todos senão ele. Às vezes voltava no mesmo dia, às vezes demorava alguns dias.

Nós só ficávamos na torre. Não era como se fôssemos fugir, não havia para onde ir.

— E se fugirmos a cavalo? — perguntei uma vez a Berg, apenas de curiosidade.

— Encantados... Hugo chama de volta... — ela me respondeu, emendando com uma pergunta. — Mayara foge...?

— Não, não... Eu só estou pensando em voz alta. Não é nada.

Berg olhou para mim com um olhar de pena. Eu não sabia o que pensava. Ela era misteriosa. Era fácil esquecer o quão inteligente era, com aquele olhar caído e fala problemática.

A torre toda era mágica. Feita de pedra, branca por fora e cinza por dentro. Tinha oito andares sobre a superfície, mais alguns para baixo da terra.

A primeira coisa que notei era como as tochas acendiam quando chegávamos perto e se apagavam quando nos afastávamos. Eu ficava indo para perto e longe apenas para vê-las acender e apagar, brincando de ver o fogo tremulando no limite do alcance.

*

Eu começava a ficar impaciente, não havia aprendido nada sobre magia. Berg prometera me ensinar, mas tinha medo que Hugo descobrisse seu segredo. Assim mais de meio ano havia se passado e eu começava a duvidar que a gnomo realmente sabia alguma coisa de verdade. Eu nunca seria uma maga naquele ritmo. Eu queria mais.

Encontrei Hugo em sua biblioteca estudando um tomo grande e antigo. Nós não podíamos entrar ali sozinhos, ela ficava trancada a maior parte do tempo. Eu ficava imaginando todo o tipo de história que havia naquelas estantes, pensando se um dia eu seria capaz de ler um livro inteiro. Eu sabia ler meu nome e algumas palavras, mas um livro, cheio de palavras difíceis?

Pariei em frente ao mago, que fazia anotações em um pequeno caderno de couro. Ele colocou a pluma sobre a escrivaninha e olhou para mim.

— Sim?

— Eu... Eu posso ficar aqui?

Ele inclinou a cabeça como um gato a observar sua presa.

— Ficar aqui... Por quê?

— Ah, não sei. Observar, quero ver você trabalhando.

— Não. Agora saia.

— Ah, Hugo! Por favor! Eu fico quieta. Não vou atrapalhar.

Ele apertou a ponte do nariz num longo suspiro.

— Mayara, quantas vezes tenho que dizer isso? Você não será uma maga.

— Mas você pode me ensinar! Eu aprendo rápido, eu aprendi a caçar lebres com cinco anos, eu...

— Não. — Seu “não” era gelado, profundo, uma marreta enterrando o pino final. — Você é velha demais para aprender. Sequer sabe ler. Não. Você fica até o fim do ano, depois volta para Lorde Rochedo. É assim que será.

Cruzei os braços, emburrada.

— Eu sei ler! — menti. Hugo sorriu, arrumando um jeito de se livrar de mim. Foi até uma das estantes e pegou um pequeno caderno, a capa era áspera e negra, e as páginas de tecido amarelado.



— Certo. Você tem até o fim do ano para estudar esse livro. Se conseguir, eu a adoto como pupila.

Abraçei o volume, radiante, e deixei a sala correndo. Mal sabia a peça que Hugo havia pregado em mim.

Quando cheguei ao meu quarto e abri o volume, comecei a tentar a ler devagar, me concentrando em uma palavra de cada vez, como o clérigo Jorge havia me ensinado. Porém, nada ali fazia sentido. Não eram apenas palavras difíceis, o livro inteiro estava escrito em alguma língua que eu não conhecia.

Bateu uma profunda tristeza. Hugo estava certo, eu nunca seria maga. Eu mal sabia ler em meu idioma, quanto mais entender aquelas palavras estranhas. Mas eu tinha que conseguir. E ficava olhando para aquele livro por horas, tentando compreender seu significado, sem sucesso.

*

Meus pulsos doíam. Hugo apertara demais as tiras de couro, não sei por que não deixou Berg fazer isso como sempre. Aquela seria a terceira vez em que faríamos o feitiço. As duas anteriores haviam sido igualmente terríveis. Eu não queria participar, mas não havia escolha. Era para isso que Hugo precisava de nós na torre, não fazíamos mais nada além de, a cada três meses, ser amarrados e torturados.

Lúcio disse que era um preço pequeno por todas as mordomias e comidas gostosas que tínhamos, mas agora tinha lágrimas nos olhos e se esforçava para engolir o choro e não irritar nosso tutor, que voltava ao cômodo com o orbe.

O mago respirou fundo, posicionou-se em pé como as outras vezes, e começou a recitar as palavras do mantra. Era a terceira vez que as ouvia e começava a distinguir os fonemas.

Animas marcum duelbi territorium inmis draco lifdi. Marcum duelbi animas territorium inmis draco lifdi definitum.

Eu tentava lutar contra a cantilena que buscava tomar posse do meu corpo, não queria participar daquilo, não queria mais estar ali. Ainda semiconsciente, vi Hugo voltar-se para mim, esticar um braço em minha direção e apaguei, mergulhando naqueles pesadelos de fogo.

Primeiro, o olho amarelado que me examinava. O calor emanava da criatura cruel, queimava meu corpo, eu não tinha para onde fugir. Ela mordeu minha perna, a dor terrível, insuportável, e alçou voo, carregando-me enquanto eu me debatia.

Sobrevoávamos um rio de lava, enquanto o dragão parecia se divertir com meu sofrimento. Ele me soltou no alto de um vulcão e eu caía em direção à lava, a certeza que eu morreria em segundos. Atingi o líquido incandescente e sentia meu corpo todo borbulhar ardendo, enquanto continuava afundando e caindo, por todos os andares daquela torre enorme até o fundo, onde havia mais lava e terror, e a criatura estava lá, de boca aberta prestes a me engolir.

*

Abri os olhos. A criatura horrenda olhava para mim. Entrei em pânico por alguns segundos até perceber que era apenas Berg. Ela tinha uma toalha molhada em suas mãos, que havia acabado de tirar de minha testa. A gnomo esboçou um sorriso.

— Acordou... Berg aliviada...

— Quanto tempo eu apaguei?

— Cinco dias... Muito tempo... Ritual pesado...

Eu me sentia mal. A cabeça doía, o estômago também. Não era para menos, todos aqueles dias sem comer.

— Mayara descansa. Berg trazer comida.

Ela me trouxe ovos mexidos e uma fatia de pão. Comi devagar, enquanto a gnomo me olhava com a expressão triste.

— Eu não sei se sobrevivo a outro desses — comentei.

— Sobreviver, sobrevive... Mas ritual não é bom. Estraga pessoas.

— Como assim, estraga pessoas? — perguntei. — O que aconteceu com as outras crianças?

A gnomo olhou para os dois lados, depois balançou a cabeça afirmativamente.



— Berg explica... Berg ajuda. Não aqui. Não agora... Mais tarde...

*

Depois do terceiro feitiço, fiquei o dia inteiro de cama recuperando minhas forças antes de voltar a caminhar. Berg passou por mim e pediu ajuda para escovar os cavalos no estábulo. Não sabia se já estava forte o suficiente para isso, mas eu tinha perguntas a fazer e fui com ela. O estábulo era para fora da torre, em um espaço de pedras anexo.

Peguei uma das escovas de metal e comecei a alisar os pelos de Lua, uma égua marrom e mansa. Berg escovava o garanhão negro de Hugo.

— Então, que história é essa do ritual estragar pessoas?

Berg baixou os ombros e balançou a cabeça negativamente.

— Mayara foge...?

— Não, Berg... Não mude o assunto, eu preciso saber.

— Não muda assunto... Mayara sabe como magia funciona?

Abri os olhos e neguei com a cabeça.

— Eu sei. Muitos anos observando. Aprendendo... Hugo deixa assistir. Ninguém acredita que eu sou inteligente... Problema na fala... Ler muito também.

— Você sabe ler? — perguntei, mais alto do que gostaria. Ela balançou os braços assustada, olhando para o lado, depois fez um gesto pedindo silêncio.

— Sim... Mayara parecida com Berg. Mayara quer aprender. Por isso Mayara foge.

— Mas por que fugir? Aqui eu tenho uma chance de aprender. Igual a você!

Berg balançou a cabeça negativamente.

— Berg explica magia. Cada ser vivo possui energia vital. Magia usa essa energia para fazer muitas coisas. Coisa pequena, pouca energia. Coisa grande, muita energia. Hugo encantador de dragão. Dragão tem muita energia, difícil controlar. Mayara e Lúcio fonte de energia.

— Espera, você está dizendo... — interrompi, e a gnomo confirmou.

— Sim. Hugo usa energia de vocês para poupar a dele. Muita energia.

— Espera, Berg, me explica melhor. Essa tal energia vital é algo com que a gente nasce? O que acontece quando ela acaba? Nós recuperamos ela, não recuperamos? O quê...

— Calma, calma... Muitas perguntas. Ela volta, sim. Devagar, muito devagar. Não rápido o suficiente. Por isso criança só fica um ano. Depois não tem mais energia. Não serve mais para magia. Nunca mais.

Então era isso. Depois de um ano ali eu não seria nem capaz de servir como fonte de energia, quanto mais aprender e realizar feitiços por conta própria. Senti uma lágrima escorrer por uma das bochechas, mas enxuguei rapidamente com o braço.

Eu ainda tinha uma chance. O acordo com Hugo. Eu decifraria aquele livro, era minha melhor chance. Eu ia conseguir.

Contei a Berg do livro, pedindo sua ajuda para traduzi-lo. Enquanto eu explicava como era o livro que Hugo me dera, sua expressão ficava cada vez mais azeda, até que ela me interrompeu.

— Bobagem! Esse livro é impossível! Hugo traçoeiro, usou truque com Mayara. —

Percebendo que eu não havia entendido, continuou. — Nem ele mesmo consegue ler esse. Língua muito antiga.

Soltei a escova e olhei para o chão, num misto de revolta e humilhação.

— Escuta... Mayara foge... Conserva energia vital... Mayara grande maga um dia.

Sentei-me no banquinho de madeira, mas não respondi.

— Berg planeja tudo... Vamos à cidade em dois dias, menina se esconde na carroça... Em Pinus, Mayara some no mundo. Berg ajuda.

— Por que vai fazer isso, Berg? Por que está me ajudando?

— Eu já disse. Mayara aprende. Igual Berg.

Pensei por um minuto no plano, mas balancei a cabeça.

— Não. Eu vou ser uma maga e minha maior chance está aqui nessa torre. Eu vou conseguir traduzir aquele livro, eu vou aprender. Nem que isso custe toda a minha energia.

Berg soltou um palavrão em alguma língua que eu não conhecia.

— Menina tola! Vai, termina de escovar Lua.

*



Passei duas semanas enfiada naquele livro estranho. Eu repetia as palavras baixinho, tentando fazê-las entrar na minha cabeça, mas não fazia sentido algum. Eu às vezes perguntava se tinha alguma tradução verdadeira, ou se eram só letras espalhadas sobre o papel.

Berg me trazia algo para comer no quarto, às vezes. Eu pedia sua ajuda para traduzir o livro, mas ela apenas balançava a cabeça negativamente, piscando os grandes olhos amarelos. Havia algo mais naquele olhar, eu tinha certeza. O que Berg estava escondendo?

Meu tempo estava acabando. Logo aconteceria o último dos quatro feitiços, e não restaria tempo na torre ou energia vital em mim.

A gnomo entrou no meu quarto em uma noite fria, eu dormia pesado e acordei assustada.

— Shhhhh! — ela fez, chamando-me para a cozinha. Parecia muito nervosa.

— Berg, o quê...? — perguntei quando cheguei à cozinha e vi uma pequena panela no fogo. Sobre a mesa havia alguns ingredientes, reconheci parte dos cogumelos e algumas raízes. A gnomo colocou os braços enormes nos meus ombros e balançou a cabeça:

— Pouco tempo. Ritual amanhã. Mayara vira grande maga um dia. Agora ajuda, separa a casca aqui.

Comecei a ajudá-la a cozinhar, sem saber o que fazia. Enquanto isso, ela explicava.

— Berg curandeira. Muito atrás, antes de conhecer Hugo... Poções... Berg conhece poções antigas...

Trabalhamos rápido no meio da madrugada.

— Agora Mayara pega livro. Berg pegar ingrediente final. Ingrediente especial.

Sáimos em direção aos aposentos. Fingi que ia para o meu quarto, mas virei para segui-la. Eu estava curiosa, o que seria o último item? Vi Berg entrando na mesma sala de artefatos onde havíamos conversado meses atrás. Tentei ir atrás dela, mas a porta estava trancada.

Peguei o livro e voltei para a cozinha, passando as páginas daquele texto criptografado. Berg demorou para voltar, eu cheguei a pensar que tinha desistido ou algo pior. Ela suave muito quando voltou e seus trajes estavam cheios de fuligem. Trazia nas mãos um pequeno vidrinho com o ingrediente final. Olhei mais atenta, horrorizada.

— Berg, isso é sangue! De quem é esse sangue?

A gnomo balançou a cabeça negativamente.

— Não importa! Ingrediente final. Ela virou o sangue na receita que borbullava, tomando o cuidado de não deixar sobrar nenhuma gota. O caldo imediatamente se tornou púrpura, para a satisfação de Berg, que tirou a panela do fogo e despejou seu conteúdo em uma caneca de barro.

Ela passou o líquido algumas vezes de uma caneca para a outra para esfriar e me deu.

— Toma. Tem que beber quente. Tudo de uma vez.

Segurei com as duas mãos. O cheiro era horrível, parecia sopa de ovo podre. Berg me olhava com expectativa. Respirei fundo e virei metade. Fiz força para não vomitar e engoli o resto, sentindo a garganta queimar.

Fui tomada de uma forte dor de cabeça, seguida de uma tontura imensa, que me levou ao chão. Por alguns segundos eu não conseguia pensar em nada. Pouco depois os nomes das coisas voltavam rapidamente, tudo de uma vez, e em dose dupla: além dos nomes na língua materna, vinham também as palavras em uma língua ancestral. Reconheci algumas das palavras que vinham à mente, eu já as vira em algum lugar... No livro!

Com a ajuda da gnomo, sentei-me no chão, de frente ao tomo que me acompanhara por semanas. Comecei a lê-lo melhor do que em minha própria língua. Era um diário. O diário do encantador de dragões.

— Mas o encantador de dragões é Hugo... — comentei em voz alta.

— Também! Encantador mestre. Hugo discípulo. Agora lê rápido, poção dura pouco.

Eu li. Corria os olhos por aquelas páginas rapidamente, cada vez mais surpresa, e finalmente entendi por que ele estava escrito naquela estranha língua, por que Hugo não era capaz de decifrá-lo e de quem era o sangue usado na poção.

O diário de Farah era incrível, com descrições detalhadas de espécies, seus hábitos e rotinas. Havia longas explicações sobre feitiços de controle, que poderiam ser usados contra dragões inimigos quando necessário. Eram difíceis e demandavam muita energia. Havia uma segunda linha de feitiços, que para serem executados precisariam da participação da própria criatura.

O diário estava escrito na língua dos dragões. Farah acreditava que assim só poderia ser lido por aqueles que conseguissem estabelecer um vínculo mental com tais criaturas, que se dispusessem



a aprender de verdade. Tinha medo que tal conhecimento caísse em mãos erradas. Farah estava decepcionado com seu discípulo. Não acreditava que Hugo se tornaria um verdadeiro encantador de dragões. Hugo tinha pressa para aprender os encantamentos e pouca paciência para biologia.

Na esperança de estimular o pupilo, Farah ensinava alguma coisa, deixando a maior parte restrita a esse diário. Se Hugo conseguisse um vínculo verdadeiro com os dragões, seria capaz de lê-lo. Em uma das últimas páginas havia um parágrafo destacado.

Pedi a Marhbara que cuidasse de meu discípulo depois de mim. O jovem precisa de orientação, e não sei mais quanto tempo tenho neste mundo. Acredito que se tornará maduro e conseguirá o vínculo. Tenho de acreditar, ou todo meu legado estará perdido. Tenho esperança em Marhbara, velha amiga. É paciente e sábia, e sei que conduzirá Hugo pelo caminho certo.

O diário acabava subitamente, as últimas páginas estavam em branco. Voltei às primeiras páginas para conferir algumas informações.

Dragões são matriarcais. Os machos são menores e mais fracos, raramente saem do ninho, servindo principalmente à função reprodutiva. Os dregarhds lium são hopson farbtarh.

As palavras se tornavam desconhecidas novamente. Eu podia lembrar vividamente de tudo o que li, mas não tinha mais acesso ao tomo. Berg me olhava com expectativa.

— Então? Mayara leu?

Sorri. Sim, eu havia lido. Mas não poderia traduzir aquilo para Hugo, como eu diria que o próprio mestre não acreditava nele, ou que a incapacidade de ler aquele diário só provava que o velho encantador de dragões estava certo?

Só havia uma coisa a fazer.

— Eu preciso vê-la.

Berg balançou a cabeça, assustada.

— Não, Berg, eu preciso. Por favor.

— Mayara! Perigoso! Não. Berg não coloca menina em risco.

— Eu vou com ou sem você!

A gnomo levou a mão à cabeça, arrependida de ter feito a poção. Depois jogou o resto pela janela e enfiou o que sobrou dos ingredientes em um saco de pano.

*

Passando pela sala de artefatos, parei em frente ao orbe que aprendi a odiar. Eu tinha apenas algumas horas até o próximo ritual, que me tiraria a chance de fazer magia para sempre. Se eu sobrevivesse a ele, claro.

Minha vontade era de quebrá-lo ali mesmo, mas eu não sabia como essas coisas funcionavam. Enquanto me distraía em devaneios, encostei o dedo no orbe. Fogo, havia muito fogo em todos os lugares. A besta me olhava furiosa, avançando a passos rápidos em minha direção, queimando.

Senti um puxão em minha barriga. Berg me afastou do orbe e voltei a mim.

— Não pode encostar! Menina besta! Hugo usa luvas.

Agradei, envergonhada. Ela me apressou, indicando a porta que meses atrás me proibira de atravessar. Eu pensava na imagem projetada em minha mente. Eu só vira aquele olhar uma única vez na vida, em uma cachorra, Nina. As coisas se tornavam cada vez mais claras.

A gnomo abriu a porta para mim, mas não entrou.

— Vai... Mayara sozinha... Boa sorte...

Pisei no primeiro degrau, sentindo a diferença de temperatura do resto da torre. Estava quente. A luz das tochas também dava lugar a algum outro tipo de iluminação. Desci o resto da escada em caracol e nem minha imaginação mais vívida poderia me preparar para o que eu vi em minha frente.

Continua...



Eterna: A Cidade Perdida

por Roberto Causo

Uma cidade perdida, de tecnologia superior, protegida sob um manto de invisibilidade no coração do Brasil Central. Um casal que escapou do cárcere privado imposto pelo arrogante pirata dos ares

Albert Robida busca refúgio na cidade Eterna, erigida por atlantes que instalaram incógnitos nas selvas brasileiras. Mas os jovens heróis, Ulisses Brasileiro, um ex-capitão do Exército Imperial, e a filha de uma aristocrata atlante chamada Larsinia, descobrem que as divisões políticas da cidade

Eterna impedem que eles encontrem ali um porto seguro. Segundo episódio das Aventuras de Ulisses Brasileiro (iniciadas na pioneira antologia *Steampunk*, de 2009), “Eterna: A Cidade Perdida” é uma novela repleta de ação aérea, maravilhas tecnológicas, intrigas palacianas e uma feroz luta de artes marciais mistas...



Autoria e Ilustrações

ROBERTO CAUSO

Roberto Causo é autor dos livros de contos *A Dança das Sombras* (1999), *A Sombra dos Homens* (2004) e *Shiroma, Matadora Ciborgue* (2015), e dos romances *A Corrida do Rinoceronte* (2006), *Anjo de Dor* (2009) e *Mistério de Deus* (2017), além do estudo *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil* (2003), que recebeu o Prêmio da Sociedade Brasileira de Arte Fantástica. *O Par: Uma Novela Amazônica* ganhou o 11.º Projeto Nascente, da USP e do Grupo Abril. A *space opera Glória Sombria* (2013), foi um dos indicados para o Prêmio Argos 2014 na categoria Melhor Romance, do Clube de Leitores de Ficção Científica. Tem histórias publicadas em 11 países, incluindo França, Cuba, Portugal e China. *Site* dedicado ao Universo GalAxis (ficção científica), e *blog* do autor:

www.universogalaxis.com.br

www.facebook.com/roberto.desousacauso | www.facebook.com/causo.misterio.de.deus

Edição

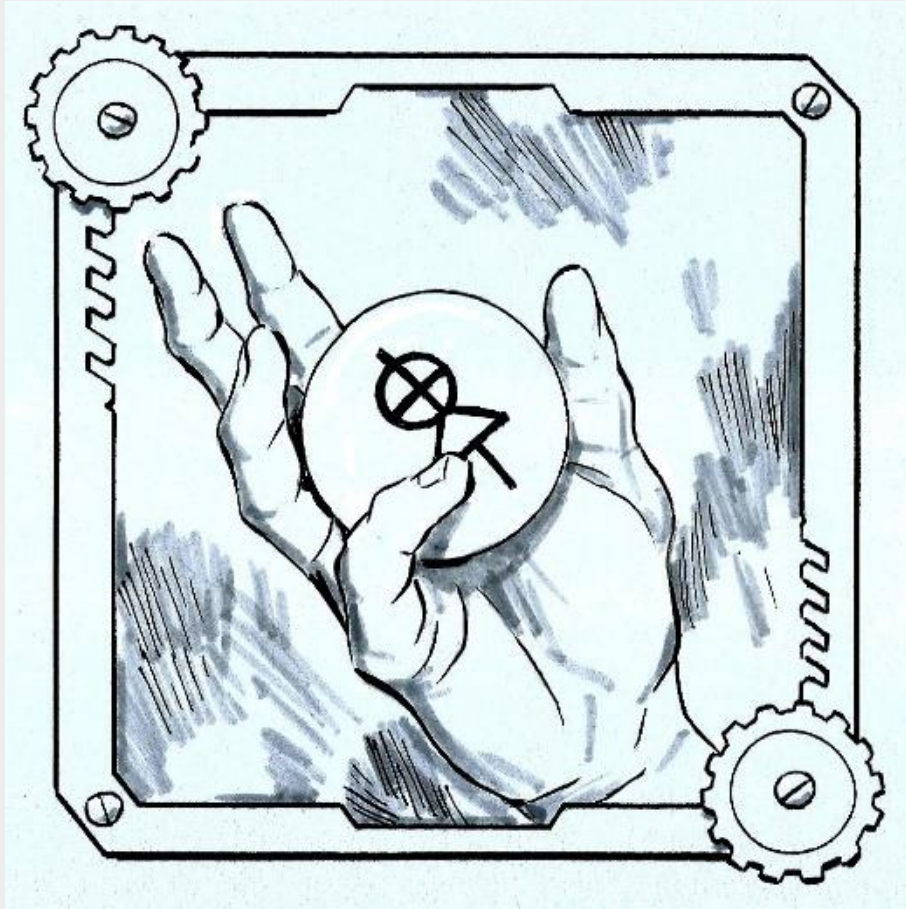
SANTIAGO SANTOS

Santiago Santos é escritor, tradutor, tereréficionado e jornalista. Publica drops literários radioativos no [Flash Fiction](http://FlashFiction) e publicou seu primeiro livro em 2016, uma coletânea pé na estrada que mergulha na mitologia dos incas, [Na Eternidade Sempre é Domingo](http://NaEternidadeSempreéDomingo). Pode ser encontrado no Twitter [@flashfictionbr](https://twitter.com/flashfictionbr) e no [Facebook](https://www.facebook.com).



Eterna: A Cidade Perdida

PARTE 3



IV. ATAQUE NO AR

Uma multidão os esperava no ponto de partida. Pela primeira vez desde que chegara, Ulisses viu gente — homens e mulheres de cenhos franzidos e mandíbulas cerradas — armada. Atrás deles: uma muralha de autômatos dourados parecendo mais ameaçadores do que nunca. O olhar das pessoas não era menos duro. E à frente de todos, Larsinie. Ela vestia o traje típico, e Ulisses sentiu um aperto no coração diante das desveladas formas femininas. O olhar da princesa atlante traía um conflito interno. Preocupação e raiva.

Ulisses desembarcou apoiando o trêmulo Ambrose Bierce. Dois homens e uma mulher adiantaram-se para também amparar o ancião. Em seguida, Dousana passou agilmente por Ulisses e foi direto ter com Larsinie. Falou-lhe com intensidade: lágrimas enfim desciam por seu rosto moreno. Logo após perderem o autômato, a mulher havia nivelado o aparelho e iniciado a descida de emergência. Por sorte o choque do autômato contra a amurada da popa destruíra apenas os controles de movimento lateral da lancha aérea — o dispositivo antigravidade era montado mais abaixo, entre as pás do trem de pouso.

Larsinie ouvia as palavras de Dousana sem tirar os olhos de Ulisses. Então voltou-se para os seus conterrâneos. Proferiu breves palavras na sua língua. A resposta: homens e mulheres de armas em punho partiram em todas as direções, seguidos pelos autômatos. Larsinie caminhou para junto de Ulisses e pendurou-se em seu pescoço.

— Estou feliz que esteja vivo, Ulisses, meu bravo — disse ela, a voz abafada contra o ombro dele. — Eu o trouxe para Eterna a fim de tê-lo em segurança, não para ser morto em uma emboscada.



Ulisses acariciou-lhe os cabelos com ternura. O contato do corpo da jovem contra o seu parecia expulsar a fadiga do combate. Seu calor reanimava-o como uma planta diante dos raios do sol. Fitando-o com seus olhos de pupilas avermelhadas, a jovem disse:

— Devemos nos confrontar com os responsáveis.

— Robida é o mandante — Ulisses afirmou.

— Sim. É certo que foi um viking da floresta quem conduziu o ataque. Você irá comigo até o Conselho, na Torre Central. A direção de Eterna não pode mais ficar neutra perante a cumplicidade deles com Robida. É tempo de pôr um fim nisso.

*

Um elevador cilíndrico, com ornamentos de ferro fundido e fios de ouro sobre os painéis de ladrilhos, percorria toda a extensão da majestosa torre. Ambrose Bierce e Dousana, testemunhas do atentado, acompanharam Ulisses e Larsinie. Eles mal tiveram tempo de secar o suor do corpo e comer alguma coisa antes de serem convocados. Nos ladrilhos do elevador havia afrescos de aparência antiga com guerreiros de armadura e mulheres de vestidos coloridos e bustos desnudos: testemunho da hipótese de Bierce sobre a ligação de Creta e Atlântida.

O elevador deteve-se enfim, e os quatro saíram para uma ampla sala de espera. Dois autômatos aguardavam ao lado da saída; eles logo se adiantaram para escotar os humanos. Eram máquinas bem diferentes daquelas vistas anteriormente por Ulisses: um brilho avermelhado saltava do revestimento externo, e a fisionomia desenhada em fios de ouro nas suas cabeças era mais angular, dando-lhe aspecto severo.

Ulisses sentia-se irritadiço. Anoitecia lá fora e ele lembrou-se que não dormia havia vinte e quatro horas. Mas o toque da mão de Larsinie na sua oferecia um crescente efeito tranquilizador. E mais: a dor nos bíceps diminuía a cada segundo sob o toque da moça. Curioso... Mas uma maravilha menor ou maior, em uma cidade de maravilhas?

O grupo avançou por uma escadaria em espiral até um enorme anfiteatro. Ulisses deduziu que tal espaço teria que localizar-se no abaulamento lenticular que encimava a torre central. Arcos em trifólio emolduravam amplos janelões em forma de pétalas, que deixavam entrever os tons crepusculares, colorindo as nuvens que haviam se agrupado ao longo da tarde para anunciar chuvas iminentes. Roliças colunas escarlates subiam ao teto, com mais afrescos adornando suas bases. Havia gente a aguardá-los nesse espaço: cavalheiros e senhoras com a distinta aparência que Larsinie partilhava, envergando trajes mui elaborados. As mulheres vestiam saias cônicas e tinham os seios nus levantados. Muitas joias reluziam também nos elaborados penteados, enfeitando pesados cachos de cabelos escuros: novos sinais de uma herança clássica, e além de tudo isso, ouro por todo canto. “Um povo que usa o ouro com total trivialidade”, lembrou-se: palavras de Robert Robida.

Ulisses e os outros foram acomodados em assentos de espaldar alto e se viram obrigados a esperar. O salão foi se enchendo de gente e de um discreto murmúrio. Ulisses dormitou com esse inesperado ninar, encostado no corpo de Larsinie, embalado pelo seu calor. Quando despertou, notou de pronto um grupo de homens e mulheres altos, talvez três dezenas deles, circundado por autômatos.

— Vikings da floresta... — murmurou.

— Sim — confirmou Larsinie. — Todos os que se encontravam em Eterna, trazidos aqui para responder pelo ataque a vocês. — Ela levantou-se. — Eu preciso ter com o Conselho.

No centro do vasto recinto circular havia um tablado alto e em forma de diamante. Sobre ele: sete homens e sete mulheres sentavam-se atrás de uma sólida bancada de mogno, entalhada com os caracteres de uma língua desconhecida. Autômatos de um terceiro modelo, de três metros de altura, ladeavam-nos como rubras armaduras de heróis gregos a proteger a assembleia dos senhores de Eterna. Ulisses notou, surpreso, que estes não tiquetaqueavam. Eram deuses mudos, guardando o veredito sobre o fado de todos.

Larsinie subiu na plataforma, colocou-se de pé junto a uma das pontas da bancada. Na outra extremidade, subiu um robusto viking que devia ser ainda mais alto que Ulisses. O viking identificou-o na plateia e dirigiu-lhe um olhar transbordante de ódio. O olhar foi retribuído na mesma moeda.



Larsinie começou a falar. Ulisses olhou ao redor. Ao lado de Dousana, à direita de Bierce, havia um assento livre. Levantou-se e foi para lá. Para seu espanto, verificou que Bierce e Dousana estavam de mãos dadas. Sentou-se e apurou os ouvidos.

— Larsinie narra o ataque — Dousana disse, para seu benefício. Ela soluçou. — Conta como Ulisses Brasileiro nos salvou a todos.

A mulher continuou a tradução: Larsinie fazia também a retrospectiva do que sofreram no cativeiro de Robida. De como escapara com Ulisses sob os disparos de Sven e de como o trouxera a Eterna para ser tratado com toda hospitalidade: um código de honra erguido pelos senhores da cidade há milênios. E que os vikings da floresta haviam violado. Ela pediu o banimento de todos eles, para fora do campo de força de Eterna.

De pronto, o viking do outro lado latiu uma rajada de frases na mesma língua. Dousana traduziu:

— Diz ele que a acusação é injusta, que não há prova de que o atacante seria alguém associado ao seu povo ou a Robida. — Ela sacudiu a cabeça, mas prosseguiu: — Do homem aparentemente resta pouco após a queda, nada que permita sua identificação... Qualquer um poderia ter obtido a pistola e improvisado o dispositivo de voo individual... Soldados imperiais não são muito bem quistos aqui...

Uma das sete mulheres do conselho levantou-se. Falou longamente, sem olhar para Larsinie. Sua voz não era estranha a Ulisses, assim como sua aparência. Teria mais de quarenta anos. Como as demais, usava um tênue véu rendado e com pedrarias para disfarçar o contorno dos seus seios maduros. Ao lado de Ulisses, Dousana permanecia muda. Ele olhou para ela. Havia choque ou perplexidade em seu rosto?

— Quem é essa mulher? — Ulisses perguntou.

— Laranímie, a mãe de Larsinie.

— E o que diz ela?

Dousana limpou a garganta.

— Repreendeu Larsinie por ter fugido de Robida — disse. — Afirma que todos sabiam que ela partiu com ele por vontade própria e depois se arrependeu, embora fosse bem cuidada por Robida. Isso não é verdade... — Dousana balbuciou. Interrompeu-se. Então mais uma vez, forçou-se a continuar: — O interesse de Robida por Larsinie teria sido um sinal do compromisso dele para com Eterna, dentro das antigas tradições da cidade, de laços firmados com casamento ou reprodução. E os homens da floresta também têm sido aliados há muitas gerações... Laranímie não concorda em expulsá-los apenas por causa de um outro... interesse amoroso de Larsinie adquirido dentre o pessoal de Robida...

— Nunca estive a serviço daquele canalha! — Ulisses explodiu, atraindo os olhares de Laranímie e dos outros conselheiros.

— Silêncio! — Laranímie gritou, em bom português.

Ulisses calou-se e a mãe de Larsinie continuou a falar.

*

Com a ajuda da tradução de Dousana, Ulisses, entre perplexo e irado, foi se inteirando da proposta de Laranímie e quicá, com ela, das circunstâncias políticas que existiam por trás da surpreendente posição da mulher.

Laranímie não apoiava a filha. A senhora temia pela ameaça que Robida poderia representar; acreditava que ele seria mais razoável com o reino perdido se estivesse unido à sua filha. Desse modo, Larsinie deveria sentir-se honrada em servir Eterna. Sua fuga representava nova fonte de preocupação. Mas Laranímie, talvez fingindo magnanimidade, concordava que a vontade da filha, em ser ouvida ali, fosse respeitada. Cedo ou tarde Robida enviaria representantes para se manifestar perante o Conselho: então teriam a chance de dialogar diplomaticamente. Enquanto isso, Larsinie seria bem-vinda em Eterna, como cidadã que era. Ulisses também poderia viver ali às expensas da cidade, mas sem passe para o exterior até que a situação fosse resolvida.

Ulisses observava o rosto de Larsinie enquanto sua mãe falava, e a cara do viking. Havia pânico no semblante de Larsinie, uma dura expressão de confiança no rosto do homem. Ulisses entendeu: quanto mais tempo ficassem em Eterna, mais estariam expostos a novos ataques — ou a constrangimentos, no caso de Larsinie. A intenção de novos ataques era o que ele pensava ler nos olhos do viking.



Também examinou os semblantes dos outros senhores da Cidade Eterna. Muitos os mantinham vazios de expressão. Mas um número maior parecia contrariado, frustrado, envergonhado com as palavras que ouvia. O conselho estaria dividido quanto ao caso de Larsinie e Robida? Teriam se curvado à autoridade da mãe sobre a filha, mas a contragosto?

Desviou os olhos dessa gente agora lhe pareciam pequenos e mesquinhos, e não poderosos e miraculosos como antes. Voltou-os para a mulher ao seu lado. Que opiniões Dousana teria? Valeria o risco, dirigir tais perguntas a ela? Aceitando que nada mais tinha a perder, resolveu arriscar-se.

— Que sabes sobre as posições dentro do conselho, quanto a Robida e a este casamento arranjado, amiga Dousana?

A mulher, cuja personalidade forte ele rapidamente aprendera a reconhecer, olhou-o com surpresa. Mas a expressão incrédula logo fechou-se em traços determinados.

— Uma parte do Conselho acompanha a senhora Laranimie — Dousana disse. — Veem em Robida uma necessária abertura para o mundo exterior às nossas muralhas. Um mundo que o próprio Robida vem moldando à sua própria imagem. Mas outra parte ressentida da intromissão desse homem e anseia por uma Eterna ativa e independente como outrora, e que, mesmo incógnita e furtiva, insiste no seu próprio caminho. — Ela sorriu levemente, e acrescentou: — É isso o que intuístes?

Ulisses assentiu com a cabeça. Olhou pelas janelas: nuvens envolviam a torre com um abraço sufocante, e os vidros eram recortados por milhares de riscos de chuva iluminados pela luz do poente.

Levantou-se, os olhos fixos no rosto de Larsinie. Uma surda comoção sacudiu o recinto em resposta à sua audácia. A moça manteve-se impávida, embora retribuísse seu olhar com a mesma intensidade. Ela lhe dirigiu o mais breve aceno de cabeça.

— Já ouvi o bastante — Ulisses pronunciou, alto o suficiente para ser ouvido pelos senhores de Eterna.

— Cale-se! — Laranimie gritou. — Tu não tens autorização para falar perante nós!

Os autômatos gigantes ganharam vida, deram um passo à frente. Homens armados, redundantes, adiantaram-se dos recessos do salão. Ulisses fez um gesto apaziguador.

— O que ofereço é uma reconciliação, minha senhora — disse ele. E então, encarando momentaneamente o viking da floresta, antes de se voltar outra vez para a mulher: — Uma que agrada a todos. E que evitará muita discussão e outro tanto de mentiras saídas dos vossos lábios.

Laranimie não disse nada. Sua perplexidade boquiaberta pairou no ar e diante dos guardas como uma muralha. Os homens armados detiveram-se, voltados para ela, aguardando suas ordens ou apenas admirados de sua estupefação. Ulisses aproveitou a oportunidade para apontar para o viking.

— Eu e esse aí nos enfrentaremos agora — rosnou —, aqui mesmo ou noutro local que o Conselho aprovar, mas *hoje*, pois suspeito que outro atentado será feito contra a minha vida e a de quem estiver comigo, enquanto a senhora Laranimie propõe que todos aguardemos a boa vontade de Robert Robida. Se eu for derrotado, renuncio à hospitalidade de Eterna e me renderei prisioneiro dos vikings da floresta. Mas se vencer, Larsinie e eu estaremos livres para ficar ou partir desta cidade de mentiras. Livres também da ameaça dos lacaios de Robida, pois minha outra condição é de que todos eles sejam exilados daqui pelo tempo que Larsinie e eu permaneceremos na cidade, caso eu vença.

Houve no anfiteatro um pesado e doloroso silêncio de perplexidade. Menos a Ulisses, apoderando-se da ação, já desabotoava a túnica.

— Deixem que a franqueza do gesto violento traga uma medida de verdade aos senhores e senhoras de Eterna — ele disse. — Estou certo de que será um passo importante para o retorno da glória e da independência que Robida veio tomar.

O enorme viking recobrou-se primeiro, e com dois passos, saltou da plataforma, pousando com um baque. Entre ela e as cadeiras havia um vão de mais de quatro metros de lado: espaço suficiente para uma luta. O restante da tribo dos vikings ali representados adiantou-se para fechar um dos lados. As pessoas sentadas na primeira fileira levantaram-se, a exemplo de Bierce, que já estava em pé e se acercava de Ulisses, para tomar-lhe a túnica das mãos e massagear-lhe o saliente músculo trapezoidal.

— *Parem!* — Laranimie gritou, de braços estendidos.

Um instante de total imobilidade compôs mais um confuso *tableau* — até que dois homens e uma mulher levantaram-se da fileira dos Senhores de Eterna. A mulher disse:



— Deixemos que eles encontrem a sua própria justiça.

Outros membros da assembleia levantaram-se e apoiaram a moção. Todos agora falavam, como a primeira oradora, em português para benefício de Ulisses. Um homem falou mais alto:

— Sim! Deixem que uma solução alcançada aqui em Eterna recepcione Robida quando ele chegar! Endireitemos as nossas costas!

Ulisses não reprimiu um sorriso diante dessas palavras — e diante da cara aturdida da senhora Laranimie. Soube então que Dousana falara fielmente, sobre a divisão política na cidade, em torno das extorsões morais de Robida.

Ele agora estava nu da cintura para cima, assim como o seu adversário. Conservava as botas, enquanto o outro calçava sapatos de solas duras e salientes, com um salto de madeira de duas polegadas que o tornava mais alto que Ulisses. Mas não tão robusto e pesado: Ulisses havia construído músculos sólidos na Academia da Vila Mariana, em São Paulo.

Antes que a luta pudesse começar, porém, Larsinie aproximou-se dele. Os olhos avermelhados da moça fixaram-se nos seus. Havia uma súplica silenciosa neles. Ulisses sentiu-se fraquejar. Sua aposta era altíssima: se fracassasse, ele e Larsinie estariam à mercê de Robert Robida. Na melhor das hipóteses, ganharia tempo e segurança para ambos, pelo menos até que Robida chegasse em Eterna. O vilão claramente evitava o confronto com os senhores do reino oculto, deixando que seus lacaios infiltrados tentassem se livrar de Ulisses, cabendo-lhe apenas reaver a posse de Larsinie.

Abriu a boca para explicar o que pensava a ela, mas a moça cobriu-lhe os lábios com os seus.

Foi um beijo diferente do anterior. Ulisses sentiu-o no corpo todo. Sentiu-o contrair seu peito e formigar seus membros. Sentiu-o clarear-lhe os olhos e acelerar-lhe o coração. Até mesmo seu inimigo assumiu um contorno mais nítido quando voltou o olhar para ele.

Continua...

